

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

**ENTENDENDO A SOLIDÃO: UMA DISCUSSÃO PSICANALÍTICA POR MEIO DE
ESCRITOS AUTOBIOGRÁFICOS**

Luciana Pretti Zeraib

São Paulo
2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

**ENTENDENDO A SOLIDÃO: UMA DISCUSSÃO PSICANALÍTICA POR MEIO DE
ESCRITOS AUTOBIOGRÁFICOS**

Luciana Pretti Zeraib

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Prof^a Maria Cláudia T. Vieira.

São Paulo
2009

Agradecimentos

Agradeço à coragem de Fernando Pessoa e de Amyr Klink, por escreverem algo tão próximo de sua intimidade e, por isso, me inspirar nesse trabalho.

Agradeço à orientadora Maria Cláudia Vieira, por sua competência e paciência e por ter me dado valiosas orientações. Também agradeço aos professores Elisa Cintra, Franklin Goldgrub e Regina Fabbrini por terem sido fundamentais em minha formação.

Agradeço aos meus pais, por me apoiarem, pela sua dedicação, carinho e tudo o que fizeram por mim e ainda fazem. Aos meus irmãos por terem compartilhado comigo esses anos de faculdade com alegria e pela ajuda nos momentos difíceis.

Aos meus queridos amigos! Sem vocês a minha vida e a feitura deste trabalho seriam muito mais solitárias. Obrigada por todos os bons encontros, pelo companheirismo, pela paciência e alegria.

Obrigada de coração!

LUCIANA PRETTI ZERAIB: **Entendendo a solidão: uma discussão psicanalítica por meio de escritos autobiográficos.** 2009

Orientadora: Prof^a Maria Cláudia T. Vieira

RESUMO

Este trabalho se prestou a analisar escritos autobiográficos a fim de explorar e particularizar o fenômeno da solidão por meio da aproximação da vivência de dois sujeitos: Amyr Klink e Fernando Pessoa.

Buscou-se responder a questão: quais elementos da organização do psiquismo operam quando da presença/ausência do sentimento de solidão? Em outras palavras, o que está em questão para que um sujeito se sinta sozinho e outro não e quais as formas engendradas para lidar com este fenômeno?

O estudo utiliza como referencial teórico a psicanálise, principalmente conceitos de introjeção do objeto, posições depressiva e esquizo-paranóide de Melaine Klein; desamparo e melancolia de S. Freud e o conceito de capacidade para estar só de Donald Winnicott.

A análise do trabalho se deu sobre a leitura de obras de Amyr Klink e Fernando Pessoa à luz dos conceitos psicanalíticos sobre a solidão. O objetivo foi traçar um paralelo entre a vivência destes sujeitos e este fenômeno. Foram selecionados trechos do livro *Paratii - Entre dois Pólos* (1992) do navegador Amyr Klink e cartas e escritos autobiográficos de Fernando Pessoa. No primeiro caso encontramos uma situação de extremo isolamento e no segundo o relato sobre experiências de desamparo.

A conclusão do trabalho é a de que pudemos, através das análises dos relatos destes dois sujeitos, compreender mais de perto a vivência da solidão. A leitura dessas obras, a partir do referencial teórico psicanalítico, permitiu entender desde a função da escrita na elaboração do sentimento de solidão até desvendar as formas que os sujeitos criam para lidar com este fenômeno, o qual é inerente à condição humana.

Palavras-chave: solidão, psicanálise, escritos autobiográficos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	
1.1. Solidão: perspectivas históricas	6
1.2. Solidão: perspectivas sociais e subjetivas	8
1.3. Solidão: perspectivas teóricas da psicanálise	12
1.4. Objetivo	15
1.5. Método	16
2. A SOLIDÃO NA TEORIA PSICANALÍTICA DE M. KLEIN, FREUD E WINNICOTT	
2.1. O sentimento de solidão segundo Melaine Klein	17
2.2. O lugar da angústia de separação nas teorias freudiana e kleiniana	25
2.3. A Capacidade para estar só segundo Winnicott	32
2.4. Síntese da conceituação teórica	34
3. RESULTADOS	
3.1. Fernando Pessoa	36
3.2. Amyr Klink	58
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71

1. INTRODUÇÃO

*“Ó vento do norte, tão fundo e tão frio,
Não achas, soprando por tanta solidão,
Deserto, penhasco, coval mais vazio
Que o meu coração!”¹*

Fernando Pessoa

1.1. Solidão: perspectivas históricas

Múltiplas são as formas de se pensar sobre a solidão. Por isso, não há como nos determos apenas numa única definição deste sentimento tão complexo. Veremos mais à frente que, mesmo na teoria psicanalítica, a solidão está presente em diferentes mecanismos psíquicos, como se pode observar na teoria kleiniana que aponta o fenômeno da solidão tanto na posição esquizo-paranóide quanto na depressiva.

Em outros âmbitos do conhecimento também se pode notar esta multiplicidade de saberes sobre a solidão. Bernardo Tanis, psicanalista que desenvolveu um estudo sobre a solidão em sua tese de doutorado que resultou no livro *Circuitos da Solidão: entre a clínica e a cultura* (2003), afirma que a solidão exprime-se em uma multiplicidade de estados. Há indivíduos que se isolam voluntariamente; outros que são exilados. Há a solidão dos imigrantes e estrangeiros ou daquele que se sente rejeitado na sua própria terra. No entanto, há também a solidão como reencontro com o *self*, fonte de criatividade e liberdade. Diversas abordagens investigativas se detiveram no estudo deste fenômeno como a Filosofia, Sociologia, Antropologia e também no campo das artes como a Literatura e o Cinema.

Segundo Tanis, a solidão, desde os tempos bíblicos, se faz presente na forma como certos crimes eram punidos, por meio do exílio. Para os gregos a solidão era encarada como um castigo, já que um cidadão grego sentia-se castigado quando colocado, contrariamente a sua vontade, para fora da polis. Já para os hebreus, a solidão poderia ter um aspecto positivo, pois muito do que a bíblia trazia dizia respeito ao encontro com o divino por meio do isolamento em desertos ou em

¹ Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000001.pdf>

lugares afastados da comunidade.

No cristianismo, Santo Agostinho critica a solidão, por pregar que, tal como Deus, os homens deveriam viver e se relacionar uns com os outros pela união amorosa. No entanto, muitos eremitas acreditavam que o isolamento seria a forma como alcançariam a purificação.

Apesar da variedade de formas com que a solidão é encarada na antiguidade, o autor conclui um sentido geral para o fenômeno na época:

A solidão, experimentada como estado, mais do que como sentimento, na Antiguidade, parece ter um papel germinativo, produtor de subjetivação. É o lugar onde o sujeito é lançado ao abismo do desconhecido e do qual emerge transformado. Do místico ao louco, passando pelo sábio e o devasso, as possibilidades se multiplicam. Por isso, ela é temida, mas também é objeto de admiração e desejo (p. 37).

A emergência da individualidade é o que marca a subjetividade na modernidade e com isso, o fenômeno da solidão passa a ser encarado por outros prismas.

Com o Renascimento são engendradas transformações em todas as esferas da sociedade e isso advém particularmente do surgimento da noção de indivíduo, a qual implica em traços pessoais, desenvolvimento da liberdade pessoal, singularidade própria de cada um e auto-responsabilidade e não unidades niveladoras que existiam na época feudal. Segundo o autor,

O eu passa a ser o foco de reflexão e a fonte de conhecimento. A individualidade ganha novo impulso e novas modalidades de expressão no século XIX com o ocaso do Antigo Regime absolutista, a intensificação da industrialização e o desenvolvimento das grandes metrópoles (p. 40).

Tanis aborda, a partir do estudo de Phillippe Ariès em *Por uma história da vida privada* (1996), uma mudança histórica nas fronteiras entre público e privado. Segundo este último, ao término da Idade Média as comunidades ainda mantinham formas onde se preponderava o coletivo e onde as fronteiras entre família e trabalho, não eram tão estanques como encontradas na Idade Moderna. As anteriores

comunidades solidárias medievais, tanto no âmbito do trabalho como pelos vínculos entre linhagens ou de vassalagem, são substituídas por uma população anônima na Idade Moderna, em que se pode escolher o próprio estilo de vida e onde a família é a expressão do refúgio e proteção contra as outras pessoas.

A mudança de um Estado Absolutista para o Estado Liberal demanda novas formas de o homem estar no mundo, entre elas, a escolha de estar só. Para o autor “o estar só (...) se vincula ao exercício da liberdade, noção emergente que ganhara muita força a partir do liberalismo no fim do século XVIII” (p. 43).

Na esteira destas mudanças, a solidão ganha um papel de destaque, uma vez que o mundo está sob a égide do capitalismo industrial, do liberalismo econômico e de movimentos filosóficos e artísticos que têm como cerne este fenômeno. No entanto, a emergência do individualismo cria uma contradição, pois, ao mesmo tempo em que serve às exigências do capitalismo reinante, o próprio indivíduo questiona esta “coisificação”, reclamando a partir de um vazio criado em função da negação do mundo interior que essa nova ordem instaura. “Se a igualdade nos oferece uma identificação com o outro, a unicidade nos deixa irremediavelmente sós.” (Tanis, 2003, p. 54).

Tal como na Antigüidade, a solidão será tematizada no romantismo a fim de expressar e investigar a experiência profunda interior do ser humano, mas também servirá como uma forma de denúncia das dificuldades trazidas pela modernidade no que diz respeito ao contato entre as pessoas.

Nesta nova ordem subjetiva moderna, a cidade e a família serão, respectivamente, os cenários público e privado da multidão indiferente e da intimidade isolada.

1.2. Solidão: perspectivas sociais e subjetivas

A solidão, tema recorrente nos dias globalizados atuais, é um sentimento que, mesmo sendo universal e inerente à condição humana, é constantemente fonte de questionamento e sofrimento pelo ser humano.

Há, sobretudo na sociedade contemporânea, um movimento cada vez mais

intenso de individualização e de fragmentação dos laços humanos, tal como Bauman expõe em seu livro *Amor Líquido* (2004). Neste estudo sociológico, o autor descreve a dificuldade que os indivíduos da atual *modernidade líquida* têm para poder se esquecer de si próprios e se lançar em relações com as pessoas.

Pode-se hipotetizar pensando-se que a questão citada acima se refere à *cultura do narcisismo* (Lasch, 1983), ou seja, à busca de perfeição, que, emblematizada pela mídia, faz com que as pessoas não tenham relações realmente verdadeiras com os outros, mas sim superficiais, as quais agudizam ainda mais o sentimento de solidão presente. Segundo o autor,

A “mídia” dá substância e, por conseguinte, intensifica os sonhos narcisistas de fama e glória, encoraja o homem comum a identificar-se com as estrelas e a odiar o “rebanho”, e torna cada vez mais difícil para ele aceitar a banalidade da existência cotidiana (p. 43).

Os traços característicos desta cultura contemporânea são o temor do envelhecimento e da morte, o senso alterado do tempo, o fascínio pela celebridade, as relações fragilizadas, entre outros.

Além disso, a conseqüente obsessão e onipotência gerados por essa cultura implicam em atos cada vez mais alheios à noção de fraternidade. Pode-se visualizar isto através dos atos terroristas, dos grupos fundamentalistas, na desigualdade social e mesmo no relacionamento entre as pessoas travado em nossa vida cotidiana, por meio da indiferença, da desconfiança e insegurança. Essas considerações foram expostas na série de ensaios compilados no livro *Função Fraternal* (2000). Neste livro o psicanalista Joel Birman em seu artigo *Insuficientes, um esforço a mais para sermos irmãos!* relata, dentre diversos pontos levantados sobre a fraternidade, sobre a possibilidade de exercê-la:

(...) a fraternidade apenas é possível se o sujeito puder reconhecer que não é auto-suficiente. Seria, assim, a *auto-suficiência* daquele que caracterizaria o modelo de subjetivação contemporânea, promovido pela cultura do narcisismo e pela sociedade do espetáculo. Seria pois pelo reconhecimento de sua não-suficiência que o sujeito poderia encarar o outro como sendo assim também e reconhecê-lo como um igual. (p. 184)

A razão para esta aparente *auto-suficiência* decorre de vários aspectos, dentre eles a mudança histórica exposta acima em consonância com as mudanças nas inter-relações. Segundo Tanis (2003),

O sentimento de solidão, expressão tão próxima do desamparo na nossa sociedade, tem se agudizado. Nossa hipótese é a de que nas condições da sociedade de massa, a qual vêm se desenvolvendo desde o fim do século XIX e atinge hoje formas extremas (...), o sentimento de solidão resulta de um **esvaziamento do papel do outro** e dos vínculos do sujeito com este (p. 168).

Acredito que uma obra de arte emblemática desta falta que nos ocorre nos dias atuais é o filme “A Fraternidade é Vermelha” (1994) de Krzysztof Kieslowski. Este filme é acompanhado de mais dois filmes que compõem “A Trilogia das Cores”, a qual foi lançada em comemoração aos duzentos anos da Revolução Francesa.

Pode-se pensar que o que há de novo e surpreendente neste filme é o simples fato de a protagonista insistir em criar um vínculo com outro personagem, em que o único fato em comum entre eles é o cachorro deste último que foi encontrado pela protagonista, machucado no meio da rua. Ao chegar até a casa do dono do cachorro para entregá-lo, percebemos o medo e a desconfiança da protagonista. Mesmo assim, apesar de poder se distanciar do encontro, ela insiste em criar um vínculo.

Acredito que mesmo com a solidão presente na sociedade, a qual poderia ser o motivo para a busca no sentido de amenizar a dor do desamparo, entramos num cômodo estado de alheamento a esta questão, pois não concordamos em assumir nossa *não-suficiência* e, conseqüentemente, nos colocar em risco a fim de sair deste lugar. Pode-se pensar que isto se deve, principalmente, ao ambiente virtual e tecnológico que cada vez mais atravessam as relações humanas. Segundo Baumann (2004),

O advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais freqüentes e mais banais, mais intensas e mais breves. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para poderem condensar-se em laços. Centradas no negócio à mão, estão protegidas da possibilidade de extrapolar e engajar os parceiros além do tempo e do tópico da mensagem digitada e lida –

ao contrário daquilo que os relacionamentos humanos, notoriamente difusos e vorazes, são conhecidos por perpretar (p. 82).

Pode-se pensar que a fragmentação dos laços e a vivência ainda mais extrema do desamparo na existência das pessoas são decorrentes desta nova ordem mundial, a qual se caracteriza pela intensa transmissão de informações e da abertura para um relacionamento globalizado com o mundo, podendo ser inclusive virtual. Segundo Ignacio Ramonet (1998), jornalista e sociólogo que escreveu vários livros sobre geopolítica e crítica da comunicação mundial,

(...) vivemos um período de rupturas, cortes, recomposição geral das forças geoestratégicas, das formas sociais, dos atores econômicos e dos pontos de referência culturais. Por toda parte, inquietação e desassossego tomam o lugar da grande esperança de uma “nova ordem mundial”. Esta, sabe-se agora, é um natimorto. E, como tinha acontecido com as precedentes épocas de transição, nossas sociedades se perguntam se não estão a caminho do caos (p. 13).

A ambivalência é um dos pilares desta nova ordem, em que as relações humanas são marionetes nesta atmosfera confusa e desorientadora que encontramos. Essa incerteza reinante é causadora da solidão presente na sociedade, a qual é força propulsora para a procura por respostas em profissionais ou mesmo livros de auto-ajuda que possam, de alguma forma, sanar essa angústia por algo não sabido. E essa própria procura insere os indivíduos de nossa sociedade numa armadilha, pois eles mesmos não se dão conta que esse “não sabido” é da ordem da singularidade e não relacionado à massificação, tão comum nas produções subjetivas atuais. Baumann (2004) explica os motivos desta procura desenfreada por “receitas prontas”:

O maior e provavelmente mais fundamental sucesso da ofensiva do mercado até agora tem sido o gradual, mas persistente (embora de modo algum se possa considerá-lo completo e irreparável) esfacelamento das habilidades de sociabilidade. Em matéria de relações interpessoais, os atores não-especializados encontram-se com frequência cada vez maior no “modo agêntico” – agindo de maneira heterônima, sob instruções ao pé da letra e pelo medo de se afastar dos modelos atualmente em voga. O fascínio sedutor da ação heterônima consiste principalmente numa renúncia à responsabilidade – compra-se uma receita autorizada num pacote

que inclui desobrigar-se da necessidade de responder pelos resultados adversos de sua aplicação (p. 96)

Há uma desorientação do homem contemporâneo sobre a forma como este deve guiar sua própria vida, fazer suas próprias escolhas, pois se sente abandonado diante de tantas informações presentes no mundo contemporâneo. Acredito que a angústia presente nos dias atuais corresponde principalmente a essa desorientação, fruto da decadência de preceitos muito cristalizados como os da Idade Média, da Igreja, da Família, e a emergência de outros como a ditadura da imagem e adaptação a uma nova temporalidade. Sobre isto afirma Ruggiero, autora do trabalho *Literatura de auto-ajuda: uma resposta ao desamparo do homem contemporâneo* (1999):

Optar e decidir, abraçar e assumir um modo de vida, sem fracassar em nenhuma dessas etapas – o eu narcísico não se permite qualquer falha – tornou-se a grande questão de hoje. Tal comportamento ou modelo de existência são indicadores da desorientação e do desamparo em que se encontra o sujeito atualmente (p. 19).

1.3. Solidão: perspectivas teóricas da psicanálise

Tanis aponta para as “múltiplas modalidades de ser na solidão” e sublinha que estas dependem de “particularidades na organização do psiquismo”. Portanto, há um aspecto essencial da solidão no que tange à singularidade de cada sujeito e não há como reduzir a solidão a um determinado estado ou sentimento, uma vez que é um fenômeno humano que está ligado a diversos assuntos. Os temas fundamentais da teoria psicanalítica relacionados a este fenômeno são: separação, ausência, narcisismo, identificação, dependência, autonomia, capacidade de simbolização e sublimação.

Freud não elaborou nenhum trabalho específico relacionado à solidão. O que se pode encontrar em sua obra relaciona-se a diversas angústias infantis: o silêncio, a escuridão, o medo de estar só e o medo de estranhos. As considerações de Freud se desenvolverão entre a primeira e segunda teoria da angústia e terão como fator

principal a ausência da pessoa amada. A ansiedade de castração durante a fase fálica também foi relacionada por Freud ao medo de separação. Estas situações da infância terão correspondência com o sentimento de solidão que ocorre na idade adulta, pois também será fruto da separação ou perda do objeto amado. Freud ainda destaca a *inquietante estranheza da solidão* ao dizer que o que assombra na solidão é o retorno do recalcado, pois algo que estava destinado a permanecer oculto irrompe na consciência.

Já em Klein, o estado de solidão é “analisado em função das dificuldades que o indivíduo enfrenta na elaboração e integração das ansiedades paranóides e depressivas” (Tanis, 2003, p. 113). Nesta teoria o ego funciona desde o nascimento, mas não é coeso e fica a mercê de mecanismos de cisão. O perigo de ser destruído pela pulsão de morte faz com que os impulsos também sejam cindidos em bons e maus, assim como o objeto originário. No processo de integração ocorre a introjeção do objeto bom, a qual é engendrada na presença da ansiedade persecutória. As agressões em direção ao objeto fazem com que, pela projeção, esse objeto (mãe/seio) seja sentido como persecutório, surgindo daí a insegurança e o desamparo.

A principal contribuição de Winnicott em relação ao fenômeno da solidão se deu sobre o estudo da *capacidade de estar só*, a qual é postulada como um paradoxo pelo autor, já que para que ela seja possível é preciso que a criança consiga ficar só na presença da mãe primeiramente; ou seja, a criança poderá ficar só, pois recebe auxílio do ego materno. Com o desenvolvimento e conseqüente introjeção do ego auxiliar materno, a criança poderá prescindir da presença da figura materna. Pode-se dizer que neste momento a criança adquire uma autonomia, pois passa da dependência total da figura materna para uma dependência relativa. Esta capacidade vai incidir na relação do sujeito com os objetos, ou seja, no que tange aos aspectos da *ilusão*² e do *espaço transicional*³ de que Winnicott aborda.

² “Ao dar início à divisão entre eu e não-eu, abandonando o estágio de dependência absoluta para ingressar no estágio de dependência relativa, o bebê faz uso do objeto transicional. Esta passagem necessária ao desenvolvimento conduz ao uso da ilusão, ao uso dos símbolos e ao uso de um objeto.” (Abram, p. 253, 2000).

³ “O conceito de fenômeno transicional diz respeito a uma dimensão do viver que não depende nem da realidade interna, nem da realidade externa; mais propriamente, é o espaço em que ambas as realidades encontram-se e separam o interior do exterior.” (Abram, p. 253, 2000).

Dentre os três autores citados acima, podemos perceber pontos em comum que nos facilitam a entender a raiz da solidão. A ausência da pessoa amada ou daquela que satisfaz as necessidades primordiais do bebê é um fator indubitavelmente determinante para o aparecimento do sentimento de solidão.

Pode-se perceber que para Freud este sentimento pode ser nomeado de diversas maneiras como estranhamento, silêncio, escuridão, abandono. Já em Klein percebemos algo mais específico na teorização sobre este sentimento, uma vez que a autora faz uso de conceitos próprios e inovadores como as posições depressiva e esquizo-paranóide.

Winnicott inova ainda mais nos oferecendo outra via de pensamento para entendermos a solidão, ou seja, de forma que pensemos sobre a capacidade de estar só sem que a angústia esteja presente. No entanto, todas elas dão especial importância à presença e introjeção da figura materna.

1.4. Objetivo

A partir destas perspectivas teóricas expostas acima ressaltamos que o objetivo deste trabalho não é analisar as duas personalidades escolhidas como sujeitos da pesquisa, mas fazer uso da descrição feita por elas da solidão para melhor compreender o fenômeno a partir da teoria psicanalítica de Freud, Melaine Klein e Winnicott. Considerando-se que a solidão é um fenômeno que tomou um destaque na modernidade contemporânea e que, por isso, merece um olhar mais cuidadoso e atento, pensamos em singularizar o fenômeno da solidão com a finalidade de explorar o tema pela perspectiva individual.

Deteremo-nos no sentido de compreender as operações engendradas na organização psíquica do sujeito que fazem emergir o sentimento de solidão e esclarecer, a partir da leitura dos escritos autobiográficos, como se dá a vivência deste fenômeno; ou seja, traçaremos um paralelo entre o que se encontra na literatura psicanalítica de construção teórica sobre a solidão e o texto produzido por Amyr Klink e Fernando Pessoa. Não cabe a esse trabalho construir uma relação causal entre a vida destes sujeitos e a teoria, ou analisar estes a partir de sua escrita autobiográfica, mas construir hipóteses que correlacionem os escritos autobiográficos com a teorização sobre o fenômeno da solidão.

1.5. Método

Partimos para a análise de textos de caráter autobiográfico, como trechos do livro *Paratii – Entre dois Pólos* (1992), do navegador brasileiro Amyr Klink, e correspondências e relatos autobiográficos do poeta Fernando Pessoa. O primeiro foi escolhido em função de descrever sua estada solitária durante a invernagem antártica, a bordo do veleiro polar “Paratii”, que percorreu 27 mil milhas da Antártica ao Ártico, em 642 dias. Neste relato o navegador nos traz um material muito rico para se pensar a questão da solidão, pois passou por uma longa experiência de isolamento. Já o segundo foi escolhido em função do tema da solidão estar muito presente tanto em sua obra como nos seus relatos autobiográficos.

A escolha dos trechos do livro do navegador e das cartas de Fernando Pessoa foi feita levando-se em consideração o tema do trabalho. No entanto, não focalizamos nenhum ponto em especial na escrita dos sujeitos, pois se pretendeu empreender uma análise mais global dos dados obtidos pelos escritos a fim de facilitar a compreensão do fenômeno.

A pesquisa teórica abordou principalmente conceitos da teoria kleiniana, em função da obra *O Sentimento de Solidão: Nosso Mundo Adulto e Outros Ensaios* (1975) ser de grande valia para a compreensão deste fenômeno. Além desta, o estudo de conceitos freudianos, em especial o desamparo foi importante para que entendêssemos as raízes deste fenômeno na teoria psicanalítica.

Por fim, utilizamos também o referencial de Donald Winnicott sobre a *capacidade para estar só*, pois este construto teórico nos traz um entendimento do fenômeno da solidão sob uma perspectiva muito diversa da apresentada pelos demais autores.

2. A solidão na teoria psicanalítica de M. Klein, Freud e Winnicott

*“Uma maior solidão
Lentamente se aproxima
Do meu triste coração.
Enevoa-se-me o ser
Como um olhar a cegar,
A cegar, a escurecer.
Jazo-me sem nexo, ou fim...
Tanto nada quis de nada,
Que hoje nada o quer de mim”⁴*

Fernando Pessoa

2.1. O sentimento de solidão segundo Melaine Klein

Melaine Klein (1882-1960) foi uma psicanalista pós-freudiana que contribuiu muito sobre o imaginário e para a compreensão do funcionamento inconsciente mais profundo e primitivo.

Antes de partirmos para uma análise mais detalhada de como a solidão é abordada através de sua teoria, vamos explanar, em linhas gerais, como se dão as bases conceituais de sua teoria.

Segundo a autora, já no início da vida pós-natal há um ego primitivo que opera os processos de introjeção e projeção. A introjeção “(...) significa que o mundo externo, seu impacto, as situações que a criancinha vive, e os objetos que ela encontra, são experimentados não só como externos, mas são recebidos dentro do eu e se tornam parte da vida interna dela” (Klein, 1975, p. 6). Já a projeção, que interage com a introjeção, denota a capacidade na criança de atribuir a outras pessoas em torno dela sentimentos de várias espécies, predominantemente o amor e o ódio.

Essa interação entre os dois mecanismos estrutura tanto o mundo interno, que consiste de objetos (principalmente a mãe) internalizados nos vários aspectos e situações emocionais, como forma o quadro da realidade externa.

Na esteira deste processo descrito acima, a mãe é introjetada, e isto é um

⁴ Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000002.pdf>

fator fundamental do desenvolvimento, pois é o primeiro objeto bom que a criança inclui em seu mundo interno. Melaine Klein (1975) sublinha a importância desta primeira introjeção no seguinte trecho:

Se a criança coloca no seu mundo interno a mãe como objeto bom e merecedor de confiança, um elemento de vigor é adicionado ao ego. Presumo, pois, que o ego se desenvolve, em grande parte, em torno desse objeto bom, e a identificação com as boas características da mãe torna-se a base para ulteriores identificações benéficas (p. 9).

No entanto, para que este objeto bom se converta numa parte do eu é preciso, em certa medida, que a ansiedade persecutória não seja excessiva, pois o bebê pode se sentir perseguido ao processar essa introjeção. Por isso, uma relação satisfatória com a mãe é importante para que este processo tenha êxito.

Outro mecanismo efetuado pela criança é a identificação projetiva, que se baseia em atribuir ao outro características próprias e colocar partes de si em outra pessoa. Quando se torna um mecanismo excessivo, o sujeito pode entrar num estado de confusão em que não se distingue a realidade interna da externa. Segundo Klein (1975): “(...) dependerá de quão equilibrados ou perseguidos estivermos se a natureza dessa projeção vai ser amistosa ou hostil” (p. 11). Da mesma forma, a introjeção excessiva põe em perigo a força do ego, pois o ego fica dominado pelo objeto introjetado.

Estes mecanismos estão presentes na posição esquizo-paranóide, que predomina nos três a quatro primeiros meses de vida, já que os impulsos destrutivos onipotentes, a ansiedade persecutória e a divisão são os mecanismos que operam nessa fase em que o bebê tem que lidar com constantes frustrações, mesmo a relação mãe-bebê sendo satisfatória. A voracidade com que o bebê irá efetuar esses mecanismos depende de cada sujeito e da qualidade de sua primeira relação. A autora nos diz de uma capacidade inata do sujeito para interpretar e assimilar as experiências externas:

Se, no entanto, o ego for muito fraco, o que considero uma **característica inata**, e se houve dificuldades no nascimento e no início da vida, a capacidade de integração – de reunir as partes expelidas do ego – é também fraca e há, além disso, uma tendência

maior para a divisão de maneira a evitar a ansiedade suscitada pelos impulsos destruidores dirigidos contra o eu e o mundo externo (p. 139, grifo meu).

Já no segundo trimestre do primeiro ano de vida do bebê vigora a posição depressiva, em que predomina o sentimento de culpa em razão dos objetos sentidos como danificados pelo controle onipotente de outrora e um empenho do ego no sentido de integrar e sintetizar seus objetos. Com isso, há uma sensibilização por parte do bebê, uma vez que tem medo de perder o que ama e de ser abandonado. Segundo a autora,

No desenvolvimento normal, com a crescente integração do ego, os processos de divisão diminuem e a capacidade aumentada de compreender a realidade externa, e até certa medida de conciliar os impulsos contraditórios da criancinha, conduzem também a uma síntese maior dos aspectos bons e maus do objeto. Isto significa que as pessoas podem ser amadas apesar de suas limitações e que o mundo não é visto apenas em termos de preto e branco (p. 15).

Pode acontecer de o bebê retornar à posição esquizo-paranóide, por meio de defesas maníacas, a fim de se livrar da depressão. Segundo Cintra e Figueiredo, psicanalistas que com o livro *Melaine Klein: estilo e pensamento* (2004) apresentam a leitura de Klein sobre a obra freudiana e sua própria construção teórica a partir desta leitura, estas defesas “(...) expressam o desejo de anular todos os ataques sádicos realizados na posição paranóide e devolver a vida e a integridade a todos os objetos atacados” (p. 82). Isto ocorre porque a realidade psíquica se torna insuportável para o bebê, uma vez que está constantemente sentindo a ameaça de danificar o objeto bom e partes boas do eu em virtude da integração com o objeto mau e as partes más do eu. No momento deste retorno à posição esquizo-paranóide, faz-se necessário que a mãe possa auxiliar o bebê no sentido de dar conta da agressividade projetada, pois “se ainda não há no bebê um ego capaz de tolerar as angústias, nos primeiros tempos de vida a mãe tem de, necessariamente, funcionar como um ego auxiliar; se falhar, a criança fica à mercê de situações avassaladoras de angústia.” (Cintra e Figueiredo, 2004, p. 73).

M. Klein postula um superego primitivo, ou seja, a parte do ego que critica e controla os impulsos perigosos, que seria composto por identificações surgidas nas

fases oral e sádico-anal. Apesar de o superego estar relacionado ao complexo de Édipo, tal como Freud postulara o superego como o “herdeiro do complexo de Édipo”, M. Klein” (...) acabará por desvincular o surgimento do superego da questão edípica, seguindo algumas intuições ferenczianas que postulavam uma “moralidade esfínteriana”, anterior ao complexo de Édipo e, de fato, muito precoce.” (Cintra, p. 67, 2004). Nestas intuições a idéia de um superego precoce será originada a partir da descoberta de que a violência pulsional sofre uma inflexão sobre o próprio sujeito. Segundo Klein (1975) “(...) o bebê começa a temer o dano que seus impulsos destrutivos e sua voracidade causam, ou podem ter causado, a seus objetos amados” (p. 15). Sendo assim, experimenta sentimentos de culpa, em que a ansiedade depressiva predomina bem como a necessidade de preservar tais objetos e de repará-los pelo dano causado. Nesta posição há um aumento da capacidade de suportar a frustração e a própria realidade psíquica, por isso o bebê se torna menos violento e começa a perceber o outro, por meio de identificação, como igual a ele.

O complexo de Édipo arcaico se daria já nas primeiras experiências da criança com a figura materna, em que há um sentimento de ódio e rivalidade pela suspeita de que outro lhe tomará a atenção e o amor da mãe. Segundo Cintra (2004),

(...) os personagens desse triângulo ou drama edípico precoce são a *criança* – cujo ego começa a constituir-se de forma mais nítida no momento mesmo em que pode perceber a mãe como objeto total - a *mãe* – que começa a ser reconhecida – e o *estranho* – cuja existência é dolorosamente descoberta justamente porque vem assinalar a ausência da mãe. (p. 68).

A criança experimenta o sentimento de exclusão e abandono, que têm como conseqüência a inveja e o ciúme, pois “(...) a criança imagina que a mãe ausente gratifica o pai por todos os meios que o amor pode imaginar, formando com ele uma figura combinada e fazendo uma aliança de poder contra a criança (...)” (Cintra, 2004, p.137).

Klein (1975) se refere ao sentimento íntimo de solidão, àquele que mesmo o sujeito estando rodeado de pessoas amadas se sente só. Segundo a autora, “esse

estado de solidão interna (...) resulta do anseio onipresente de um estado interno perfeito inatingível” (p. 133).

Este anseio advém da relação primitiva do bebê com a mãe, em que há um contato íntimo do inconsciente materno com o da criança, que seria a experiência mais completa de compreensão que um sujeito pode ter no tempo de sua vida. Segundo a autora:

Por mais gratificante que seja expressar, na vida ulterior, pensamentos e sentimentos a uma pessoa afim, parece perdurar um anseio insatisfeito por uma compreensão sem palavras – fundamentalmente pela relação mais primitiva com a mãe. Semelhante anseio contribui para o sentimento de solidão e se origina da sensação depressiva de uma perda irreparável. (Klein, 1975, p. 135).

Esta relação, que fornece para o bebê este estado de compreensão desejado, pode ser abalada de diversas formas. O sentimento de solidão está presente tanto na posição depressiva quanto na posição esquizo-paranóide. Nesta, há uma sensação de insegurança do bebê em virtude de seus próprios impulsos destrutivos,

Toda vez que os impulsos de destruição surgem com muita intensidade, a criancinha, graças à projeção, sente a mãe e o seio como persecutórios, e experimenta, por conseguinte, inevitavelmente certa insegurança; essa insegurança paranóide é uma das raízes da solidão (Klein, 1975, p. 135).

Já na posição depressiva, o processo de integração, subjacente a esta posição, causa maior ansiedade ao bebê, uma vez que se teme que os impulsos de destruição comprometam o objeto bom e as partes boas do eu. M. Klein (1975) traz um exemplo clínico interessante deste processo: “tenho ouvido pacientes expressarem a dificuldade de integração em termos de se sentirem solitários e abandonados, por estarem inteiramente sós com o que, para eles, constituía a parte má do eu.” (p. 136).

Há uma experiência de abandono implícita ao movimento de integração feito pelo ego, uma vez que o ego sente-se inseguro quanto a aproximar os impulsos agressivos e o objeto bom; isto se exacerba com a presença de um superego rígido. Além disso, muitas partes do eu não têm a possibilidade de serem integradas, pois

não são utilizáveis pelo eu. Essas partes são projetadas em outras pessoas, o que contribui para a sensação de que não se pertence a si mesmo nem a outras pessoas, oriunda do estado de confusão discutido acima sobre a identificação projetiva.

No processo de integração, tanto a onipotência como a idealização do eu e do objeto tendem a diminuir, o que pode colocar em risco a integração conseguida, pois para que haja força do ego e a confiança em si e nos outros, é preciso que a onipotência faça parte desse processo. Melaine Klein (1975) expõe um exemplo clínico que explicita a forma como a desidealização contribui para o aparecimento do sentimento de solidão:

Como me disse um paciente, embora admitindo o alívio obtido por algumas medidas na integração, 'o encanto se desfez'. A análise revelou que o encanto que se desfez fora a idealização do eu e do objeto, e a perda dele conduziu aos sentimentos de solidão. (p. 142)

Assim sendo, na teoria kleiniana o estado de solidão é “analisado em função das dificuldades que o indivíduo enfrenta na elaboração e integração das ansiedades paranóides e depressiva” (Tanis, 2003, p. 113). Além disso, M. Klein (1975) destaca a importância de uma internalização satisfatória do objeto bom, pois é “a base da identificação com ele que vai fortalecer o sentimento de bondade e a confiança tanto no objeto como no eu”. (p. 150)

Os fatores que diminuem a solidão são engendrados desde as primeiras experiências do bebê. A internalização relativamente estável do seio bom é característica de certa força inata do ego que, por conseguinte, está menos sujeito à fragmentação e é mais capaz de alcançar um grau de integração satisfatório. A confiança em si e no objeto advém dessa integração satisfatória, uma vez que possibilitará a identificação com esse objeto bom. Essa identificação diminui os impulsos destruidores, o que faz diminuir a severidade do superego; dessa forma, o superego não faz exigências tão rigorosas ao ego e isto leva a uma capacidade de se relacionar consigo e com os outros suportando suas limitações. Há, portanto, uma maior adaptação à realidade e um maior alívio pelo ressentimento de frustrações passadas. Segundo a autora “uma relação feliz com o primeiro objeto e

uma internalização satisfatória dele significa poder dar e receber amor” (p. 151). As recordações advindas de tal fase são um suporte para quando ocorrem frustrações e a esperança de bons momentos no futuro.

O sentimento de solidão está sempre presente, em maior ou menor grau, na vida de todas as pessoas, pois não é possível haver uma completa integração do ego. Para Klein “(...) integração plena jamais se alcança, o completo entendimento e aceitação de nossas emoções, fantasias e ansiedades não são possíveis e isto perdura como fator importante na solidão” (p. 137). O conflito pulsional e a angústia de separação produzirão um sentimento de solidão que perdurará por toda a vida independente da boa relação mãe-filho.

No entanto, o sujeito pode lançar mão de defesas contra o estado de solidão. Dentre elas estão a dependência ou independência extremas de outrem. O anseio de independência pode advir de gratificação alucinatória a fim de contrabalançar a dependência em relação ao objeto externo, tal como no imaginário do bebê, que constrói fantasias que o auxiliam a lidar com a falta de atenção e carinho maternos. Para a autora: “(...) sempre que tem fome ou se sente abandonada, a frustração da criança leva-a à fantasia de que o leite e o amor lhe são deliberadamente negados, ou retidos pela mãe para se beneficiar com eles” (p. 14)

A defesa de negação da solidão pode acarretar um mau relacionamento com o objeto bom; em contrapartida, a experiência concreta da solidão se torna um estímulo para as relações de objeto. Segundo Klein (1975), “(...) a negação da solidão atrapalhará boas relações de objeto, em contraste com uma situação na qual esta poderá ser aceita e vivenciada tornando-se estímulo para o estabelecimento de relações de objeto.” (p. 116)

Em relação ao superego, para Klein (1975) “quanto mais rígido o superego, maior o sentimento de solidão, porque suas rigorosas exigências aumentam as ansiedades depressivas e paranóides” (p. 156). Isto ocorre porque não há como esperar indulgência pelo superego em relação aos impulsos destrutivos, na verdade, este superego exigiria que eles não existissem.

O mundo interno é parte fundamental para o enfrentamento da solidão, de modo que os objetos externos são parte, mas não a razão para a diminuição da

solidão. Uma relação satisfatória com os genitores é fundamental para que a criança consiga suportar a perda da idealização e a diminuição da onipotência. Se os pais conseguem suprir a ansiedade da criança, encarando seus impulsos agressivos de modo a se proteger desses impulsos sem cessar a capacidade criativa da criança, essa passa a perceber que não é tão destruidora e se sente menos vulnerável ao mundo externo.

2.2. O lugar da angústia de separação nas teorias freudiana e kleiniana

Partiremos para uma análise mais detalhada sobre a angústia de separação ou de perda do objeto nas teorias de Freud e M. Klein, segundo Jean-Michel Quinodoz, psicanalista francês, autor do livro “A solidão domesticada: a angústia de separação em psicanálise” (1993).

O autor explicita que domesticar a solidão é não se sentir mais abandonado num mundo hostil, mas assumir a responsabilidade pela condução de sua própria vida. A solidão, quando “domesticada” faz com que o sujeito possa encarar a angústia de separação e utilizá-la de forma a aprimorar sua relação com a vida. O sentimento de solidão, fruto desta angústia, marca o fenômeno de unicidade, em que um sujeito se diferencia do outro.

Angústia de separação e de perda do objeto em Freud

Segundo Quinodoz, há duas publicações importantes sobre o tema da separação do objeto em Freud. São elas: “Luto e Melancolia” (1917) e “Inibição, sintoma e angústia” (1926).

Em “Luto e Melancolia” (1917), encontra-se a descrição de Freud sobre o principal mecanismo de defesa do ego contra a perda do objeto; este mecanismo seria a cisão do ego e a introjeção do objeto perdido numa das partes cindidas.

Já em “Inibição, Sintoma e Angústia” (1926), Freud revê os pontos de vista anteriores sobre a origem da angústia, e esta, que antes era atribuída à retenção de libido, passa a ser a fonte do temor de separação e da perda de objeto.

O problema da angústia de separação aparece nas cartas a Fliess (manuscrito E) e no “Projeto para uma psicologia científica” (1950^a [1892-1899]). Neles, Freud sublinha a importância de uma figura que propicie o alívio da tensão gerada no bebê em função de suas necessidades físicas e psíquicas primordiais. Este alívio configuraria a primeira experiência de satisfação que o bebê irá introjetar e, a partir daí, começar a notar a presença de um objeto que lhe satisfaz e é importante para sua sobrevivência. Se este processo de realização da satisfação do

bebê é, por ventura, dificultado, surgem perturbações físicas e psíquicas no desenvolvimento, que ocorrem em virtude da imaturidade e do desamparo desta fase inicial. (p. 56)

Portanto, logo após o nascimento, há um inevitável estado de desamparo, em virtude da fragilidade do bebê que não consegue dar conta da situação traumática do nascimento. É só após a percepção do objeto que satisfaz as necessidades que a angústia de separação poderá ser sentida. Segundo Quinodoz,

A perda do objeto que ocorre na experiência de satisfação – real e alucinatória – também vai constituir, segundo Freud, o fundamento do aparecimento do desejo e da busca ulterior dos objetos: de fato, é na ausência do objeto de satisfação que a imagem do objeto que satisfaz vai ser reinvestida como representação simbólica (satisfação alucinatória do desejo). Em consequência, quando o indivíduo começa a procurar novos objetos, ele busca não só encontrar um objeto, segundo Freud, mas reencontrar o objeto original perdido, que outrora trouxera satisfação real (“A negação”, 1925h) (p. 56).

No nascimento, o medo é de aniquilamento e não de separação. Portanto, o medo de separação e da perda do objeto só surge posteriormente no desenvolvimento infantil, ou seja, após a criança vivenciar a situação de desamparo e quando já é capaz de perceber a mãe como objeto.

Freud apresenta interpretações diferentes sobre a angústia de separação em virtude da mudança de teorização sobre a angústia. Em 1905, Freud diz que há uma “(...) ligação direta entre o aparecimento da angústia na criança e o sentimento de ausência da pessoa amada (...)”. No entanto, esta explicação é fiel à teoria da origem da angústia, na qual esta nasce da transformação direta da libido insatisfeita. Já em 1926 “(...) a angústia tem como origem o temor à separação e à perda do objeto, não só na criança, mas também no adulto” (p. 57).

As manifestações da angústia de separação na obra freudiana não são explícitas. Quinodoz explicita três momentos em que Freud teoriza sobre a angústia de separação. Em 1905, Freud apresenta o caso de uma criança que tem medo de escuro e conclui que “a criança não tinha medo da escuridão, mas estava angustiada pela ausência de uma pessoa amada, e tinha certeza de se acalmar tão logo tivesse prova da presença dessa pessoa” (Freud *apud* Quinodoz, 1993, p. 57).

Em 1920, Freud apresenta o jogo do *fort-da*, em que a criança brinca com o carretel com o objetivo de simbolizar a ausência e presença materna. E em 1926 discorre sobre o lactente que teme a perda de sua mãe.

No texto “Luto e Melancolia” (1917), Freud explicita a diferença entre o luto normal, consciente, e o luto patológico (melancolia), que seria inconsciente. Neste último, a perda do objeto é sentida como uma perda do ego, e as acusações, voltadas para o próprio sujeito na melancolia, ocorrem em virtude desta cisão do ego. Segundo Quinodoz,

Esse desvio das recriminações contra o próprio sujeito se torna possível pelo fato de que o objeto perdido, origem da decepção, é instalado novamente dentro do ego que se cinde, uma parte do ego encerrando a fantasia do objeto perdido e a outra tornando-se a parte crítica. (p. 59)

Freud assinala que para que possa ser efetuada a introjeção do objeto perdido pelo ego e sua posterior cisão, é preciso que isto seja processado em uma base narcísica, pois é preciso que ocorra uma regressão do sujeito à fase oral/canibalística para que a introjeção possa se realizar. O narcisismo é um mecanismo fundante neste processo de introjeção do melancólico. A diferença do narcisismo primário e do secundário é que o primeiro se caracteriza por acontecer na fase inicial em que o ego e os objetos não podem ser distinguidos, cujo protótipo seria a vida intra-uterina; já o segundo se processaria por identificação com os objetos.

Nota-se que há uma ambivalência no mecanismo de defesa do melancólico, uma vez que o amor pelo objeto transforma-se em identificação, enquanto que o ódio é voltado contra este mesmo objeto. Este sadismo voltado contra si-próprio permanece simultaneamente dirigido inconscientemente contra a pessoa visada do meio. Sendo assim, no melancólico há uma forma primitiva de lidar com os afetos, da mesma forma que os afetos do amor e ódio dominam o imaginário da criança pequena.

A separação do ego por cisão dá origem à constituição de uma parte do ego

que seria o objeto perdido introjetado, enquanto que a outra parte seria o ego-sujeito, ou seja, a parte que critica e que se dirige contra a outra parte do ego que é confundida com o objeto. Segundo Freud, “o conflito entre o ego e a pessoa amada [transformou-se] em uma bipartição entre a crítica do ego e o ego modificado pela identificação” (Freud *apud* Quinodoz, 1993, p. 60).

É importante ressaltar que o ego crítico é o sujeito e não a parte do ego em que foi introjetado o objeto perdido. Portanto, o ego-sujeito do melancólico não é um ego-sujeito que exerce sua função normal de proteção, mas sim um ego que critica “inexorável e injustamente” e que perdeu sua função protetora. Portanto, o superego se volta contra o ego na melancolia. Quinodoz (1993) explica a origem do sadismo do superego melancólico: “o ódio do superego contra o ego nada mais é do que o resultado da projeção do ódio do ego contra o objeto, atribuído ao superego e voltado contra o ego-sujeito.” (p. 62) Sendo assim, o conflito entre o ego e o objeto externo se transforma em um conflito entre duas partes do ego, afetando sua própria estrutura.

A cisão do ego é o mecanismo de defesa específico contra a perda do objeto, após a introjeção do objeto perdido, e apresenta uma estreita relação com a onipotência e a negação da realidade pelo sujeito, os quais eram para Freud, inicialmente, mecanismos de defesa essencialmente psicóticos. Com o passar do tempo, esses mecanismos também serão incluídos na teorização sobre a organização neurótica do psiquismo. Segundo Quinodoz, “em ‘O Fetichismo’ (1927e), Freud afirma que a negação da realidade pode ser apenas parcial, afetando apenas a parte do ego para a qual a perda do objeto é negada na realidade.” (p. 63) Sendo assim, pode existir, num mesmo indivíduo cindido, uma parte dele negando a realidade e outra a aceitando.

Em *Inibição, sintoma e angústia* (1926), Freud descreve a angústia de separação e apresenta novas hipóteses sobre a origem da angústia. Segundo Quinodoz (1993), neste momento “(...) a angústia é considerada por ele como sendo um afeto sentido pelo ego diante de um perigo que, em última análise, tem sempre o significado do temor à separação e à perda do objeto.” (p. 66) Portanto, Freud

substitui a teoria da angústia, na qual a angústia procedia diretamente da libido insatisfeita. A partir deste momento, a angústia possui dupla origem: como consequência da situação traumática e como sinal indicativo de que existe uma ameaça de repetição de tal situação. (1933a).

Freud se baseia no trabalho de O. Rank, “O trauma do nascimento”, que diz que o nascimento era a primeira experiência de angústia na criança. No entanto, há distinções a serem feitas entre o pensamento de Freud e de Rank. Freud pensava que a situação traumática por excelência é constituída pelo desamparo biológico e psíquico do ego imaturo (*Hilflosigkeit*), incapaz de enfrentar o acúmulo de excitação, de origem externa ou interna, e de dominá-lo. Portanto, a ênfase é posta na fragilidade do ego e não no nascimento como Rank teoriza. Neste momento, a angústia é pensada como um acúmulo de um estado de tensão que não consegue ser descarregado e seria a reação do ego ao perigo de perda do objeto; mais tarde indicará um sinal de alarme diante desta ameaça. Segundo Freud, mesmo se a situação traumática ou a situação de perigo originárias da angústia variam com a idade, todas elas apresentam a mesma característica de significar uma perda de um objeto amado ou a perda do amor desse objeto (Freud *apud* Quinodoz, 1993, p. 68).

O ego, além de formar os sintomas e as defesas com a finalidade de evitar o aparecimento da angústia e de ligá-la, ao ficar mais forte, também é capaz de prever, esperar e reproduzir de maneira atenuada o traumatismo, a fim de elaborá-lo. As repetidas experiências de satisfação modificam igualmente a angústia, ou seja, com a repetida presença da mãe, quando esta vai embora, o bebê pode sentir algo como uma falta, mas sem se angustiar.

Angústia de separação e de perda do objeto em Klein

Para Klein, no início da vida não existe, como para Freud, narcisismo primário, ou seja, indiferenciação ego-objeto, porque a percepção do ego e a do objeto existe desde o nascimento. (p. 74)

A 1ª angústia da criança seria o medo de ser aniquilada pela pulsão de morte. Por isso que esta pulsão é projetada para o exterior e, a partir dessa projeção, vai se

construir a fantasia do objeto mau que ameaça o ego de fora. (p. 75)

Na posição esquizo-paranóide são operadas a destruição do ego e do objeto idealizado, além dos mecanismos esquizóides de cisão, idealização e negação onipotente, os quais são as defesas contra o medo de perseguição.

Já na posição depressiva há a angústia de que o próprio ódio aniquile o objeto de que depende totalmente; conseqüentemente, há a necessidade de possuir o objeto e de protegê-lo dos próprios impulsos destruidores.

A defesa maníaca, que se instala no decurso da posição depressiva, tem a tendência de negar a realidade psíquica da dor depressiva. Há, portanto, uma constante inter-relação entre a realidade externa e realidade psíquica. Segundo Quinodoz,

(...) as ameaças contra a satisfação das necessidades da criança são sempre sentidas como provenientes do objeto que, por isso, torna-se persecutório, e este perseguidor externo será imediatamente internalizado como um perseguidor interno: o objeto mau internalizado. (p. 77)

As primeiras perdas mais importantes da criança são o nascimento e o desmame. Este último constituirá o protótipo de todas as perdas sucessivas posteriores. Segundo o autor, "(...) por representar particularmente a perda do seio idealizado, desencadeia uma reação de luto, acompanhada de tristeza e de nostalgia, o que o torna um elemento essencial da posição depressiva" (p. 78).

H. Segal (1979) explicita como ocorrem as sucessivas perdas e como a integração dos objetos bons e o grau de elaboração da depressão são fatores fundamentais para a maturidade do indivíduo:

Na aprendizagem do controle esfinteriano, a criança precisa renunciar às fezes internas idealizadas; o andar e o falar também implicam o reconhecimento de si-próprio como individualidade separada. Na adolescência, a dependência infantil deve ser abandonada; na idade adulta é preciso enfrentar a perda de seus próprios pais e de figuras parentais e, pouco a pouco, a perda de sua própria juventude. A cada etapa do desenvolvimento, é preciso escolher novamente entre regredir, para fugir da dor depressiva, em direção a um modo de funcionamento esquizo-paranóide, ou elaborar essa dor depressiva para permitir que o desenvolvimento se complete. Nesse sentido, podemos dizer que a posição depressiva

nunca é totalmente elaborada: a elaboração completa da posição depressiva levaria a algo como a perfeita maturidade. Porém, o grau alcançado de elaboração da depressão e de integração dos bons objetos internos pelo ego determinam a maturidade e o equilíbrio do indivíduo (Segal *apud* Quinodoz, 1993, p. 78)

O narcisismo, segundo a teoria kleiniana, tem o papel de defesa contra a percepção do objeto como separado e diferente, o qual esclarece os conceitos de identificação projetiva e de inveja que M. Klein introduziu. O primeiro mecanismo é mobilizado pela separação fazendo com que o sujeito empreenda um controle onipotente, a fim de lutar contra a percepção do objeto separado. Já o segundo mecanismo é mobilizado pela percepção do objeto como diferente e sexuado que, progressivamente, se transformará em ciúme em relação à cena primária.

É neste momento que a criança percebe que a mãe não é unicamente sua, mas que forma um casal com o pai. Aparecerá um sentimento de exclusão em relação à sexualidade dos pais, acompanhado de um desejo de se identificar com eles no contexto do complexo de Édipo.

2.3. A Capacidade para estar só segundo Winnicott

Winnicott (1983), em 1958, assinala a falta de estudos sobre a *capacidade* para estar só, mas diz que muito do que foi escrito refere-se ao *medo* ou ao *desejo* de ficar só na literatura psicanalítica. Para o autor "(...) a discussão dos aspectos *positivos* da capacidade de ficar só ainda está por ser feita." (p. 31) A partir disto, Winnicott examina esta capacidade e aponta que esta é um sinal de amadurecimento emocional.

Este fenômeno é engendrado desde o início da vida até o estabelecimento de relações triádicas (Complexo de Édipo). O autor diz que há um paradoxo neste fenômeno, pois "(...) é a capacidade de ficar só quando mais alguém está presente" (p. 32).

Winnicott faz menção ao conceito de objeto interno bom de M. Klein, já no início, quando a criança pequena está numa relação dual com a figura materna. Assinala que "a capacidade de ficar só depende da existência de um objeto bom na realidade psíquica do indivíduo" (p. 34). Com isto, o indivíduo terá confiança nas relações internas e auto-suficiência para viver, uma vez que pode, temporariamente, manter-se na ausência de objetos ou estímulos externos. Segundo Winnicott,

Maturidade e capacidade de ficar só significam que o indivíduo teve oportunidade através de maternidade suficientemente boa de construir uma crença num ambiente benigno. Essa crença se constrói através da repetição de gratificações instintivas satisfatórias (p. 34).

Da mesma forma que M. Klein diz de uma *característica inata* do ego, Winnicott presume um grau de maturidade do ego, no sentido de garantir uma integridade do indivíduo em unidade, para que seja possível se distinguir o mundo interno e externo. É apenas desta forma que o fenômeno da capacidade de estar só é possível de ser processado.

As características deste estado descrito acima em termos kleinianos seria uma falta relativa de ansiedade persecutória, bem como a disposição de objetos bons introjetados no mundo interno do indivíduo para que possam ser projetados

num momento oportuno.

Nesse sentido, a habilidade para estar só se fundamenta na experiência anterior ao complexo de Édipo e se caracteriza por estar só na presença de alguém.

Está só na presença de alguém pode ocorrer num estágio bem precoce, *quando a imaturidade do ego é naturalmente compensada pelo apoio do ego da mãe*. À medida que o tempo passa o indivíduo introjeta o ego auxiliar da mãe e dessa maneira se torna capaz de ficar só sem apoio freqüente da mãe ou de um símbolo da mãe (Winnicott, 1983, p. 34).

Sem esta experiência de estar só na presença de alguém, a capacidade de fazê-lo não poderá se desenvolver. Segundo o autor, este relacionamento com a figura materna pode ser chamado de *relacionamento com o ego*, o qual considera como sendo o substrato da amizade ou a matriz da transferência. Pode-se dizer que neste contexto de relação com o ego, o impulso do id fortifica o ego ao invés de enfraquecê-lo, e isto só é possível de acontecer quando há alguém disponível (mãe) para a criança.

Winnicott equivale esta sensação da criança ao adulto que consegue relaxar; ou seja, relaciona à capacidade de devanear, estar num estado em que não há orientação e de não-integração. Com um grande número de tais experiências na tenra idade, o indivíduo pode viver sua vida pessoal própria e não fundamentada em reações a estímulos externos. E isto possibilita ao indivíduo dispensar a presença real da figura materna e, assim, ser capaz de estar só.

Tanis (2003), ao tratar da capacidade para estar só, segundo Winnicott, resume o que o autor teoriza sobre o fenômeno:

Para ele, a capacidade de estar só é, então, a resultante de um longo processo que vai da dependência total do objeto materno até a conquista da autonomia em relação ao objeto. No qual ambos, parceiros da relação, terão importância na criação desta possibilidade ou no fracasso dela e na emergência de algumas patologias da solidão, como tendências esquizóides ou mecanismos de extrema dependência e adições. (p. 118 e 119).

2.4. Síntese da conceituação teórica

Pode se depreender que os conceitos de separação/perda do objeto e desamparo estão na raiz do sentimento de solidão. No decorrer da vida do sujeito este sentimento surge relacionado às recordações de situações infantis de abandono, as quais dependem em grande parte da relação mantida com o objeto interno.

Para Klein, no início da vida não existe a indiferenciação ego-objeto, porque a percepção do ego e a do objeto existe desde o nascimento. Já para Freud, há o narcisismo primário, que tem como fundamento um estado de fusão eu-outro. No entanto, encontramos correspondência entre as duas teorias na forma como encaram a primeira experiência de angústia da criança, como explicita Quinodoz (1993):

O medo de aniquilamento descrito por M. Klein como sendo a primeira angústia (...) não deixa de ter analogia com a primeira situação de perigo para o ego descrita por Freud em 1926, isto é, o medo de ser submergido por uma excitação excessiva e não controlável (p. 75)

No entanto, este medo de aniquilamento descrito por M. Klein é uma resposta direta ao trabalho da pulsão de morte e Freud não liga o desamparo do recém-nascido a esta pulsão.

A noção de que é preciso uma *característica inata* do ego, para que as experiências de satisfação sejam suficientemente introjetadas no indivíduo, pode ser encontrada nos três principais autores discutidos: Freud, Klein e Winnicott. Para o primeiro,

o ego não só forma os sintomas e as defesas com a finalidade de evitar o aparecimento da angústia e de ligá-la, mas, tendo ficado mais forte, também é capaz de prever, esperar e reproduzir de maneira atenuada o traumatismo, a fim de elaborá-lo. (Freud *apud* Quinodoz, 1993, p. 71)

Da mesma forma, o segundo autor assinala o fato do ego ser fraco ou forte como uma característica inata, que pode dificultar a introjeção das primeiras

experiências com a figura materna. O último autor presume um grau de maturidade do ego para que o fenômeno da capacidade de estar só seja possível de acontecer.

Em todos os autores notamos o especial destaque à primeira figura cuidadora da criança e à relação que se estabelece nesses primeiros contatos. O mecanismo de introjeção também é levantado como um processo fundamental na constituição do sujeito, bem como para a elaboração das experiências ulteriores de separação ou perda.

Para Freud, a solidão significaria a busca pelo objeto perdido, da mesma forma que o anseio pela “compreensão sem palavras” que M. Klein descreve. Segundo Tanis (2003),

O neurótico teme a solidão e procura evitá-la. Procura, concretamente, aplacar sua angústia por meio de uma demanda de amor a um objeto, substituto inconsciente daquele que, não sabe, está irremediavelmente perdido. (p. 108).

O desamparo seria as repetidas situações de perigo não elaboradas ou amparadas pelo objeto bom. Este desamparo pode surgir já na vida adulta, mesmo tendo ocorrido a introjeção do objeto bom satisfatoriamente. Em Klein e Winnicott, a sensação de abandono também depende de um amparo satisfatório do ambiente, bem como de uma característica inata do ego.

3. RESULTADOS

*"A solidão desola-me; a companhia oprime-me. A presença de outra pessoa descaminha-me os pensamentos; sonho a sua presença com uma distração especial, que toda a minha atenção analítica não consegue definir."*⁵

Fernando Pessoa

3.1. Fernando Pessoa

O início deste estudo sobre o poeta nasceu do encontro com o livro do crítico literário José Afrânio Moreira Duarte (1968). Este autor desenvolveu uma série de ensaios sobre a vida e a obra de Fernando Pessoa e os relacionou ao tema da solidão. Pelas palavras do crítico, o poeta "(...) sempre foi um homem só" (p. 13). Este autor se deteve na biografia de João Gaspar Simões (1981) para fundamentar seu estudo. No decorrer da pesquisa encontramos diversas críticas a este biógrafo. A principal é a de que a biografia foi feita de forma *romanceada* e muito do que foi escrito como fatos da vida de Pessoa não podem ser encarados como verdadeiros. Como diz Richard Zenith (1999) no posfácio do livro de correspondências de Fernando Pessoa:

João Gaspar Simões quis escrever a história de um homem com o seu quê de trágico, de intrigante, de moralmente instrutivo, pondo o seu tema – Fernando Pessoa – ao serviço do seu projecto. Pessoa ficou muito bem e mal servido. Bem servido, porque esta biografia <<romanceada>> (no dizer de Eduardo Freitas da Costa⁶) é gostosa de ler e ajudou a promover o nome e a obra de Fernando Pessoa. Mal servido, porque para os fins de João Gaspar Simões, o rigor dos factos, embora importante, não era essencial; esboçou o seu retrato por intuição, baseado em impressões, ajustando os dados concretos ao perfil previamente estabelecido. (p. 432)

Portanto, em virtude das diferentes visões encontradas em relação à vida de F. Pessoa, não nos deteremos sobre sua biografia, mas sim sobre o modo como

⁵ Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/vo000008.pdf>

⁶ Primo de F. Pessoa que escreveu *Fernando Pessoa: Notas a uma biografia romanceada* (1951)

descreve sua existência. No entanto, colocaremos a seguir reflexões sobre a vida do poeta, encontradas principalmente em sua biografia, que terão como objetivo o enriquecimento dos dados de história de vida de Fernando Pessoa, mas não se proporão a uma análise de sua personalidade.

Sendo assim, temos como objetivo investigar como o poeta vivenciava o sentimento de solidão a partir de seus relatos autobiográficos e por cartas suas que tenham como tema a solidão. Estes dados foram encontrados em três bibliografias: *Correspondência 1905-1922* (1999), *Correspondência 1923-1935* (1999) e *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal* (2003). A seleção dos trechos analisados se deu em função do fenômeno que pretendemos analisar. Apesar de nos determos na descrição e análise da vivência da solidão pelo poeta, podemos pensar que as hipóteses que levantarmos podem ser transpostas para sua obra, uma vez que a obra de Fernando Pessoa não pode ser pensada separada de sua existência. Segundo o biógrafo João Gaspar Simões (1981), no prefácio da 1ª edição de *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, “(...) se, por um lado, a obra é explicada pela vida, pelo outro, a vida é explicada pela obra, tão íntima era em Fernando Pessoa a conexão entre o homem que a obra metamorfoseava e a obra que ao homem devolvia (...)” (p. 27).

No início faremos um breve resumo biográfico, que servirá apenas como uma introdução ao autor e a sua obra.

Fernando António Nogueira Pessoa nasceu em Lisboa, no dia 13 de Junho de 1888, filho de Maria Madalena Pinheiro Nogueira e de Joaquim de Seabra Pessoa.

A juventude é passada em Lisboa, alegremente, até a morte do pai em 1893 e do irmão Jorge no ano seguinte. Estes acontecimentos, em conjunto com o fato de sua mãe ter conhecido o cônsul de Portugal em Durban, levam-no a viajar para a África do Sul, onde vive entre 1896 e 1905. À vivência nesse país pode atribuir-se uma influência decisiva ao nível cultural e intelectual, pondo-o em contato com os grandes autores de língua inglesa.

O Regresso a Portugal, com 17 anos, é feito com o intuito de freqüentar o curso de Letras. Viveu primeiro com uma tia, na rua de S. Bento e depois com a avó paterna, na Rua da Bela Vista à Lapa. Mas com o fracasso do curso (freqüentou poucos meses), governa-se apenas com o seu grande conhecimento da língua inglesa, trabalhando com diversos escritórios em Lisboa em assuntos de correspondência comercial.

Ficou conhecido como grande prosador do modernismo (ou futurismo) em Portugal,

expressando-se tanto com o seu próprio nome, como através dos seus heterônimos. Entre estes ficaram famosos três: Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. Teve uma paixão confessa - Ophélia Queirós - com a qual manteve uma relação muitas vezes distante, mas intensa.

Fernando Pessoa morre a 30 de Novembro de 1935, de uma grave crise hepática induzida por anos de consumo de álcool, no hospital de S. Luís. Em vida apenas publicou um livro em Português: o poema épico Mensagem, deixando um vasto espólio que ainda hoje não foi completamente analisado e publicado.

Fernando Antônio Nogueira Pessoa nasceu em 13 de junho de 1888. Segundo Simões (1981), sua primeira moradia ficava entre uma igreja e um teatro.

Não se nasce por acaso entre um teatro e uma igreja – entre o mais rico, o mais elegante, o mais *artificial* dos teatros de Lisboa e de Portugal inteiro – e uma igreja, a igreja mais cidadina e mundana da capital (p. 34).

Em sua obra é possível perceber um especial saudosismo de sua infância, em particular a essa primeira, em que podia ouvir as músicas que ecoavam da igreja, as óperas que ecoavam do teatro e observar a movimentação das pessoas que freqüentavam esses lugares. Essas sensações, seguramente, povoavam seu imaginário e permaneceram por sua vida ulterior, como se pode verificar nos seguintes versos:

Ó sino da minha aldeia,
Dolente na tarde calma,
Cada tua badalada
Soa dentro da minha alma (Pessoa *apud* Simões, 1981, p. 35)

E também sob a máscara de Álvaro de Campos:

Não há toque de sino em Lisboa há trinta anos, noite de S. Carlos há cinquenta
Que não seja para mim por uma galantaria deposta (Pessoa *apud* Simões, 1981, p. 41)

Nas palavras do biógrafo de Pessoa, já se nota a interpretação que pretendemos empreender no nosso trabalho: “(...) pode-se dizer que os cinco anos que decorrem entre o nascimento do poeta e a morte de seu pai lhe ficam na imaginação como uma melodia indefinível (...) mas de que se lembra como se toda

sua primeira infância tivesse flutuado ao sabor de melodias deliciosas”. (p. 41)
Verificamos que, no prefácio da 2ª edição de sua obra, Simões (1981) expõe um método crítico e interpretativo de construção de sua biografia, a qual se alia com o método interpretativo criado por Freud:

Existe, como não podia deixar de ser, uma forma pessoal nossa, de encarar a obra de Fernando Pessoa à luz da sua biografia e de esclarecer a sua biografia à luz de sua obra. Direito legítimo, que ninguém pode negar a um biógrafo, sobretudo depois que o método de Freud entrou no domínio da análise literária (...) (p. 17).

Uma de suas interpretações alude ao VI poema da *Chuva Obliqua* de Pessoa, no qual o poeta irá rememorar sua primeira infância:

O maestro sacode a batuta,
E lânguida e triste a música rompe

Lembra-me a minha infância, aquele dia
Em que eu brincava ao pé dum muro de quintal
Atirando-lhe com uma bola que tinha dum lado
O deslizar dum cão verde, e de outro lado
Um cavalo azul a correr com um *jockey* amarelo...

Prossegue a música, e eis na minha infância
De repente entre mim e o maestro, muro branco,
Vai e vem a bola, ora um cão verde,
Ora um cavalo azul com um *jockey* amarelo...

Todo o teatro é o meu quintal, a minha infância
Está em todos os lugares, e a bola vem a tocar a música,
Uma música triste e vaga que passeia no meu quintal
Vestida de cão verde tornando-se *jockey* amarelo...
(Tão rápida gira a bola entre mim e os músicos) (Pessoa *apud*
Simões, 1981, p. 41)

Atiro-a de encontro à minha infância e ela
Atravessa o teatro todo que está aos meus pés (Pessoa *apud*
Simões, 1981, p. 42)

“O teatro está aos (seus) pés”, pois era um hábito para Pessoa contemplar a movimentação do teatro, o qual era, ao mesmo tempo, o seu quintal, a sua infância – “todo teatro é o meu quintal, a minha infância” -, mesmo sendo um local onde o poeta nunca pode entrar quando criança.

Uma das figuras de que Fernando Pessoa terá como permanente em sua memória é a da avó Dionísia, que viveu em sua casa desde seu nascimento. Segundo Simões (1981), a avó “não gostava de crianças” e se tornará uma velha louca com o passar do tempo que terá como discurso, ou talvez um delírio como o próprio biógrafo expõe, justamente o ódio pelas crianças. “O pequenino Fernando António não esquecerá jamais o clamor histérico daquela estranha velha que não desaparecerá tão cedo de sua existência” (p.37).

Em contraponto à figura citada acima, está sua mãe, Maria Madalena Pinheiro Nogueira, a qual será para Pessoa sinônimo de carinho, amor e proteção, e também acompanhará Pessoa por seus pensamentos e suas obras até o fim de sua vida.

A figura do pai Joaquim de Seabra Pessoa também será muito forte para o poeta, apesar do pouco contato que foi possível entre pai e filho. Quando Fernando nem bem completara cinco anos, o pai teve de sair de casa para se tratar de uma grave enfermidade. Trinta dias após seu aniversário o pai faleceu. Segundo Simões (1981):

Imponderável memória a memória que Joaquim de Seabra Pessoa legará aos homens, anônimo como sempre desejou viver: é a sua memória, contudo, que vai conservar-se indefinidamente, como uma música longínqua, na recordação infantil do poeta. De preciso nada lhe resta, do espírito, da figura, da bondade, da inteligência de seu pai. Dir-se-á, todavia, que é a sua figura, a sua bondade e a sua inteligência que o poeta irá procurar pela vida além, de cada vez que na sua poesia se levanta, como um súbito vento desconhecido, a recordação da infância – as saudades de uma infância paradisíaca vivida em Lisboa, numa casa de cujas janelas se via o Tejo por sobre telhados (p. 37).

Logo após a morte do pai, Pessoa e sua família tiveram de se mudar para a Rua de S. Marçal “(...) mais longe do Tejo, mais longe da igreja dos Mártires, mais longe do quimérico Teatro de S. Carlos (...)”, lugares esses que permanecerão em sua imaginação, e o acompanharão mais no seu pensar que no seu viver. O irmão também falece após essa mudança e dirá o biógrafo que Pessoa irá volver uma ternura tão intensa a sua mãe após esses episódios que o poeta dirá ter esgotado as possibilidades amorosas de sua alma.

Observamos, pela biografia de Fernando Pessoa, diversas vivências de desamparo que aconteceram desde sua tenra infância e serão destacadas pelo próprio biógrafo como acontecimentos que irão marcar a vida do poeta. Primeiro a morte do pai; depois a do irmão. A necessidade de mudar de casa. O casamento da mãe, a mudança de Lisboa para Durban (África) e outras.

Segundo Simões, a partir dessa mudança percebe-se um isolamento de Pessoa em virtude da possível falta de atenção de sua mãe, pois tinha que cuidar dos filhos do novo casamento e a aparente diferença de tratamento que havia do padrasto para com os seus meio-irmãos. Além disso, a mudança de cultura, de idioma, de contato com outra raça, faria com que o poeta se sentisse deslocado.

Desde o início de sua vida literária Pessoa já cria heterônimos. Ainda criança inventa o *Chevalier de Pas*. Mais tarde irão surgir os famosos Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro, com suas biografias definidas e caracterizadas.

Podemos observar, pelo estudo de José Afrânio Moreira Duarte (1968), ensaísta mineiro que relacionou a vida e a obra de Fernando Pessoa à solidão em *Fernando Pessoa e os Caminhos da Solidão* (1968), a presença deste sentimento na vida do autor:

Em 1907, escreveu o poeta em seu diário: “Não tenho ninguém em quem confiar. A minha família não entende nada. Não posso incomodar os meus amigos com essas coisas. Não tenho realmente verdadeiros amigos íntimos e, mesmo aqueles a quem posso dar esse nome, não são íntimos no sentido em que eu entendo a intimidade. Sou tímido e tenho repugnância em dar a conhecer minhas angústias. Um amigo íntimo é um dos meus ideais, um dos meus sonhos cotidianos, embora esteja certo de que nunca chegarei a ter um verdadeiro amigo íntimo. Nenhum temperamento se adapta ao meu. Não há um único caráter neste mundo que porventura dê mostras de se aproximar daquilo que eu suponho que deve ser um amigo íntimo” (p. 14).

A seguir, exporemos cartas de Fernando Pessoa escritas entre 1905-1922 e 1923-1935. São cartas que foram efetivamente chegadas aos seus destinatários e publicadas pela própria iniciativa do poeta ou de seus herdeiros; há também cartas não necessariamente enviadas, ou sequer concluídas, conservadas, umas vezes, em cópia e, outras vezes, em estado de rascunho pelo autor.⁷

⁷ Informações retiradas da *Nota Prévia* da coletânea de correspondências

A maioria das cartas está disposta em sua forma integral; em algumas delas selecionamos parte do material em função da extensão da carta e da relevância para o estudo.

Após cada correspondência colocamos uma descrição que nos auxiliará posteriormente a analisar os aspectos mais importantes relacionados à solidão que foram encontrados por meio destes escritos.

1ª Correspondência (p. 79-81/1905-1922)

A Mário Beirão

Lisboa, 1 de fevereiro de 1913

Meu querido Mário Beirão:

Deu-me um grande prazer a sua carta de 25, que há dias recebi. Tinha muita pena, é certo, que V. não me tivesse escrito ainda, mas, como eu também não lhe tinha escrito, não me cabia o direito objectivo de ter essa pena. O pior para mim é que eu, por certo, sinto mais a falta de correspondência que V. Estou, quanto a companhia espiritual e imediata, quase só, se não só em absoluto... Não sou das pessoas menos acompanháveis por si próprias, mas ainda assim – e de vez em quando aborreço-me de não andar senão comigo.

Por isto a sua carta, ainda que breve, me causou uma grande alegria.

Estou actualmente atravessando uma daquelas crises a que, quando se dão na agricultura, se costuma chamar <<crise de abundância>>.

Tenho a alma num estado de rapidez ideativa tão intenso que preciso fazer da minha atenção um caderno de apontamentos, e, ainda assim, tantas são as folhas que tenho a encher, que algumas se perdem, por elas serem tantas, e outras se não podem ler depois, por com mais de muita pressa escritas. As idéias que perco causam-me uma tortura imensa, sobrevivem-se nessa tortura, escuramente outras. V. dificilmente imaginará que Rua do Arsenal em matéria de movimento, tem sido a minha pobre cabeça. Versos ingleses, portugueses, raciocínios, temas, projectos, fragmentos de coisas que não sei o que são, cartas que não sei como começam ou acabam, relâmpagos de críticas, murmúrios de metafísicas... Toda uma literatura, meu caro Mário, que vai da bruma – para a bruma – pela bruma...

Destaco de coisas psíquicas de que tenho sido o lugar, o seguinte fenómeno que julgo curioso. V. sabe, creio, que de várias fobias que tive guardo unicamente a assaz infantil mas terrivelmente torturadora fobia de trovoadas. O outro dia o céu ameaçava chuva e eu ia a caminho de casa e por tarde não havia carros. Afinal não houve trovoadas, mas esteve iminente e começou a chover – aqueles pingos graves, quentes e espaçados – ia eu ainda a meio do caminho entre a Baixa e minha casa. Atirei-me para casa com o andar mais próximo do correr que pude achar, com a

tortura mental que V. calcula, perturbadíssimo, confrangido eu todo. E neste estado de espírito encontro-me a compor um soneto – acabei-o uns passos antes de chegar ao portão de minha casa -, a compor um soneto de uma tristeza suave, calma, que parece escrito por um crepúsculo de céu limpo. E o soneto é não só calmo, mas também mais ligado e conexo que algumas coisas que eu tenho escrito. O fenômeno curioso do desdobramento é coisa que habitualmente tenho, mas nunca o tinha sentido neste grau de intensidade. Como prova do gênero calmo do soneto, aqui lho transcrevo:

ABDICAÇÃO

*Toma-me, ó noite Eterna, nos teus braços
E chama-me teu filho... Eu sou um Rei
Que voluntariamente abandonei
O meu trono de sonhos e cansaços*

*Minha espada, pesada a braços lassos,
Em mãos viris e calmas entreguei,
E meu ceptro e coroa – eu os deixei
Na antecâmara, feitos em pedaços.*

*Minha cota de malha, tão inútil,
Minhas esporas dum tinir tão fútil –
Deixei-as pela fria escadaria.*

*Depois a Realeza, corpo e alma,
E regressei à Noite antiga e calma
Como a paisagem ao morrer do dia.*

Dê saudades minhas ao Vila-Moura e escreva-me breve e o mais extensamente que puder.

Um grande abraço do seu delicadíssimo

Fernando Pessoa

Rua Passos Manuel, 24, 3.º E.

Descrição

O poeta confessa a sua solidão como um sentimento que não advém apenas

do fato de estar sem pessoas ao seu redor, mas que, neste momento, sente falta da companhia de si mesmo.

As idéias denunciam uma agitação, uma produção incessante quase que para dar conta da angústia sofrida pelo estado de solidão. Sendo assim, perder essas idéias é estar em contato com este estado de angústia.

Vemos a angústia do sujeito em estar à mercê da natureza e de sua própria condição humana, uma vez que o estado de solidão, de sentir-se só, é inerente à constituição do sujeito.

O soneto nos mostra características que, de certa maneira, apaziguam este estado, pois o poeta escreve para expressar uma *tristeza suave e calma* e não aquela agitação de sua alma ou das trovoadas.

O sentido do soneto se refere a um sujeito que está à deriva, mas se entrega à calmaria. De certa forma, reflete um desejo de poder estar fora do controle, mas permanecer tranqüilo e seguro.

2ª Correspondência (p. 111-113/1905-1922)

A João Lebre e Lima

*Rua Pascoal de Melo, 119, 3º, Dto.
Lisboa, 3 de Maio de 1914*

Meu caro João:

Releve-me o ser tão pouco estético o papel em que lhe escrevo. Mas é o que tenho à mão e eu sinto absoluta a necessidade de lhe escrever.

Neste dia de sol, claro e simples, assaltou-me um tédio de tal maneira profundo que não o posso exprimir senão expondo-lhe que sinto uma mão a estrangular-me a alma.

Li hoje, pela não-sei-que-éssima vez, parte do seu livro e fez-me bem, como sempre me faz, por tão bem me falar do seu mal.

Escuso de empregar o vulgar <<não imagina>> para lhe descrever o abismo de torpor de todo o Eu em que estou caído; sei de sobra que v. imagina isso muito bem, para mal da sua felicidade.

Estou num destes momentos em que tudo perde o sabor da vida que tem e em que adoece dentro de nós o nosso modo de sentir as coisas; repare que eu digo que adoece, não as sensações, mas o modo como elas são sensações.

Estou talvez fatigando-o com isto. Desculpe-me que o faça. Sou impellido a

fazê-lo.

A propósito de tédios, lembra-me perguntar-lhe uma coisa... Viu, num número do ano passado, de A Águia, um trecho meu chamado Na floresta do alheamento? Se não viu, diga-me. Mandar-lho-ei. Tenho imenso interesse em que v. conheça esse trecho. É o único trecho meu publicado em que eu faço do tédio, e do sonho estéril e cansado de si-próprio mesmo ao ir começar a sonhar-se, um motivo e o assunto. Não sei se lhe agrada o estilo em que o trecho está escrito: é um estilo especialmente meu, e a que aqui vários rapazes amigos, brincando, chamam <<o estilo alheio>>, por ser naquele trecho que aparece. E referem-se a <<falar em alheio>>, <<escrever em alheio>>, etc.

Aquele trecho pertence a um livro meu, de que há outros trechos mais inéditos, mas de que falta ainda muito para acabar; esse livro chama-se Livro do Desassossego, por causa da inquietação e incerteza que é a sua nota predominante. No trecho publicado isso nota-se. O que é em aparência um mero sonho, ou entressonho, narrado, é – sente-se logo que se lê, e deve, se realizei bem, sentir-se através de toda a leitura – uma confissão sonhada da inutilidade e dolorosa fúria estéril de sonhar.

Tenho-lhe falado de mim demasiadamente. Queria ter agora, neste momento, ao mesmo tempo em que as estou desejando, extensas novas suas. O que tem v. feito? Tem escrito? E tem escrito versos?

Espero para breve notícias suas. Se me pudesse escrever, não um postal, mas uma carta...!

Como vê pelo en-tête desta carta, mudei de residência. Mudei há três dias apenas.

É para aqui que me deve escrever agora.

Adeus. Um grande e fraterno abraço do

*Muito e sempre seu
Fernando Pessoa*

14 de Maio.

Escrita a 3 de Maio, esta carta vai para o correio a 14. Como v. vê continua aquela minha característica de atrasar mesmo aquilo que parece impossível que se atrase.

Enfim...

F. P.

Descrição

Percebemos, não só por esta carta, mas pelas inúmeras vezes em que Pessoa se corresponde com alguém para contar de seu estado emocional, que ele tenta compartilhar sua tristeza e sente necessidade de sair de seu isolamento.

Podemos pensar que esta atitude se dê no sentido de resgatar o estado de uma *compreensão sem palavras* descrita por Klein. Além disso, podemos dizer que o ato de escrever é como o *espaço transicional* criado pelo poeta, no qual pode ao mesmo tempo trabalhar com suas questões internas e com a realidade objetiva do ato de escrever. Da mesma forma, pode fazer uso deste trabalho criado ao enviar as correspondências.

O poeta descreve um dia comum, claro e simples, mas sublinha o seu tédio irreparável. Além disso, descreve um estado de torpor em que adoce o modo como ele pode *sentir as coisas*.

Sentir uma mão a estrangular a alma denota algo que está externo ao sujeito e que o assola em profundidade. Pode-se pensar que nestes momentos, tal como Freud mencionou que na solidão é que emergem conteúdos recalçados pelo sujeito e que são esses a causa da angústia, o estranhamento destes conteúdos faz com que eles sejam sentidos como invasores, o que faz com que o sujeito tenha que, de alguma forma, expressá-los e se fazer ouvir por meio da troca com o outro.

Percebe-se um pesar em relação à distância presente entre a realidade e o desejo, já que o próprio poeta diz sobre a *inutilidade de sonhar*. O estado de incerteza e inquietude nos remete a um estado de confusão. De certa forma, sente o mundo incerto, e tenta, a partir de sua inquietude, dar conta desta atmosfera insegura.

3ª Correspondência (p.0115-116/1905-1922)

A Madalena Nogueira

*L. do D.
5-6-1914*

(cop. De uma carta para Pretória)

<<Eu tenho passado bem de saúde e o espírito tem estado curiosamente menos mal-disposto. Ainda assim uma vaga inquietação anda a torturar-me, uma coisa a que eu não posso chamar senão uma comichão intelectual, como se eu fosse ter bexigas na alma. É só nesta linguagem absurda que eu lhe posso descrever o que sinto. Tudo isto, porém, não se aparenta propriamente com aqueles

estados tristes de espírito, de que às vezes lhe falo, e em que a tristeza é caracterizadamente uma tristeza sem causa. Este meu estado de alma actual tem uma causa. Em torno a mim está-se tudo afastando e desmoronando. Não emprego estes dois verbos no sentido entristecedor. Quero apenas dizer que na gente com quem lido se estão dando, ou se vão dar, mudanças, acabares de períodos de vida, e que tudo isto – como a um velho que vê morrerem em seu redor os seus companheiros de infância, a sua morte parece próxima – me sugere não sei de que misteriosa maneira, que a minha deve, vai mudar também. Repare que eu não creio que esta mudança vá ser para pior; creio o contrário. Mas é uma mudança, e para mim mudar, passar de uma coisa para ser outra, é uma morte parcial; morre qualquer coisa de nós, e a tristeza do que morre e do que passa não pode deixar de nos roçar pela alma.

Veja: Amanhã vai para – não a, mas para – Paris o meu maior e mais íntimo amigo. A tia Anica (veja a carta dela) não é improvável que vá breve para a Suíça com a filha, casada então. Vai para a Galiza, para lá estar bastante tempo, um outro rapaz, muito meu amigo. Passa a viver no Porto um outro rapaz que é, depois do primeiro que lhe citei, o meu amigo mais próximo. Assim, em meu redor humano, tudo se organiza (ou se desorganiza) de modo a ir-me, não sei se isolando, não sei se chamando para um novo caminho que não vejo. Mesmo a circunstância de eu ir publicar um livro vem alterar a minha vida. Perco uma coisa – o ser inédito. E assim mudar para melhor, porque mudar e mau, é sempre mudar para pior. E perder um defeito, ou uma deficiência, ou uma negação, sempre é perder. Imagine a Mamã como não viverá, de dolorosas sensações quotidianas, uma criatura que sente desta maneira!

Que serei eu daqui a dez anos – de aqui a cinco anos, mesmo? Os meus amigos dizem-me que eu serei um dos maiores poetas contemporâneos – dizem-no vendo o que já tenho feito, não o que poderei fazer (se não eu não citava o que eles dizem...). Mas sei eu ao certo o que isso, mesmo que se realize, significa? Sei eu a que isso sabe? Talvez a glória saiba a morte e a inutilidade, e o triunfo cheire a podridão.

Descrição

O poeta descreve um estado de *comichão intelectual*, tal como a *rapidez ideativa* que citou na primeira correspondência. Pode-se notar que esta inquietação advém do fato de tudo estar *se afastando e se desmoronando*, pois a mudança na vida de outras pessoas próximas sugere que a dele vai mudar também.

É possível também notar um estado de confusão; o poeta não sabe se todas essas mudanças *organizam ou desorganizam*. Além disso, focaliza a perda e a piora que, segundo ele, invariavelmente surgem com a situação de mudança.

4ª Correspondência (p. 137-138/1905-1922)

A Armando Côrtes-Rodrigues

Lisboa, 4 de Janeiro de 1915.

Meu caro Côrtes-Rodrigues:

Muito obrigado pela sua carta e pelas suas (escusadas) explicações. Eu não precisava de tanto. Bastava-me menos, porque felizmente vi que posso contar (e espero sempre poder contar) com a sua amizade, que altamente prezo, e sei que uma resposta negativa da sua parte representaria um caso de impossibilidade. O que lhe agradeço muito é o carácter íntimo das suas explicações (aliás, como já disse, escusadas) prova sobre a sua amizade.

Entristeceu-me muito o que me diz do seu actual estado de espírito. Mostra-o bem o soneto – deveras belo – que me mandou e que muito agradeço.

Por mim, o meu estado de espírito é mau. Dezembro foi uma noite de tempestade para mim. Nem cabeça tenho tido para escrever a alguém, mesmo à minha família. Quebro esse encantamento de depressão para lhe escrever hoje, e isto para que não faltasse em responder à sua carta.

Espero adquirir durante este mês aquela suficiente dose de serenidade que me permita escrever-lhe o milhão de coisas que tenho para lhe expor e contar. Espero poder mandar-lhe os poucos versos que tenho feito. Que, apesar de tudo, e através de tudo, trabalho sempre, produzo sempre. Mesmo nos pântanos do meu espírito há lótus que florescem.

Sim, para a minha carta próxima devo ter apanhado do chão dos meus propósitos a energia suficiente para lhe contar coisas e para lhe copiar versos.

Por ora, só isto e os meus agradecimentos.

Os meus cumprimentos a seu Pai, e para você um grande e amigo abraço do

sempre seu

Fernando Pessoa

Descrição

F. Pessoa relata sobre um estado de espírito mau, uma noite de tempestade, um encantamento de depressão. Para ele, falta serenidade para poder produzir e escrever. No entanto, apesar de seu estado triste e desamparado, Pessoa consegue produzir porque a sua própria produção é um meio de estar conectado com outras pessoas e de compartilhar fraternalmente de seus sentimentos. A expressão *mesmo*

nos pântanos do meu espírito há lótus que florescem, nos diz que o poeta é capaz de suportar e elaborar as angústias advindas da sensação de confusão e desamparo.

5ª Correspondência (p. 138-147/1905-1922)

A Armando Côrtes-Rodrigues

Lisboa, 19 de Janeiro de 1915.

Meu querido Amigo:

Há tempos que lhe ando prometendo uma extensa carta. Não sei se, especificando, lhe não falei numa carta de gênero psicológico, a meu próprio respeito. Em todo caso, é disso que se trata.

Eu ando há muito – desde que lhe prometi esta carta – com vontade de lhe falar intimamente e fraternalmente do meu <<caso>>, da natureza da crise psíquica que há tempos venho atravessando. Apesar da minha reserva, eu sinto a necessidade de falar nisto a alguém, e não pode ser a outro senão a você – isto porque só você, de entre todos quanto eu conheço, possui de mim uma noção precisamente no nível da minha realidade espiritual. Dá-se esta sua capacidade para me compreender porque você é, como eu, fundamentalmente um espírito religioso; e, dos que de perto literariamente me cercam, você sabe bem que (por superiores que sejam como artistas) como almas, propriamente, não contam, não tendo nenhum deles a consciência (que em mim é quotidiana) da terrível importância, da Vida, essa consciência que nos impossibilita de um dever a cumprir para com nós-próprios e para com a humanidade.

Nesta explicação aparentemente preliminar vai já exposta uma grande parte do problema. Não sei como lho hei-de expor ordenadamente; de modo perfeitamente lúcido. Mas, como isto é uma carta, eu irei expondo conforme possa; e você ordenará, em seu espírito, depois, os dispersos e alterados elementos.

A minha crise é do gênero das grandes crises psíquicas, que são sempre crises de incompatibilidade, quando não com os outros, por certo com nós-próprios. A minha, agora, não é de incompatibilidade comigo próprio; a minha, gradualmente adquirida, auto-disciplina, tem conseguido unificar dentro de mim quantos divergentes elementos do meu caráter eram susceptíveis de harmonização. Ainda tenho muito a empreender dentro do meu espírito; disto ainda muito de uma unificação como eu a quero. Mas, como disse, não é dessa banda que sopra o vento do meu desconsolo actual.

A crise de incompatibilidade com os outros – não, entenda-se desde já, uma incompatibilidade violenta, como a eu resultasse de divergências declaradas, nítidas, de ambas as partes. Trata-se de outra coisa. A incompatibilidade é sentida por mim,

dentro de mim, e é comigo que está o peso todo da minha divergência de aqueles que me cercam. O facto de eu estar agora vivendo só, por não ter aqui família próxima (minha tia, em cuja casa eu estava, está na Suíça, onde foi ficar com a filha, que casou há pouco com um rapaz estudante, pensionista do Estado) vem agravar este estado de espírito, por me deixar a nu com a minha alma, sem afeições e interesses familiares próximos a desviar de mim a minha atenção.

Temos pois que vivo há meses numa contínua sensação de incompatibilidade profunda com as criaturas que me cercam – mesmo com as próximas, amigos, literários é claro, porque os outros não são indivíduos com quem eu tenha que poder ter intimidade espiritual e por isso – como, em matéria de relações sociais, me dou bem com toda a gente, dou-me bem com eles.

Em ninguém que me cerca eu encontro uma atitude para com a vida que bata certo com a minha íntima sensibilidade, com as minhas aspirações e ambições, com tudo quanto constitui o fundamental e o essencial do meu íntimo ser espiritual. Encontro, sim, quem esteja de acordo com actividades literárias que são apenas dos arredores da minha sinceridade. E isso não me basta. De modo que, à minha sensibilidade cada vez mais profunda, e à minha consciência cada vez maior da terrível e religiosa missão que todo o homem de gênio recebe de Deus com o seu gênio, tudo quanto é futilidade literária, meta-arte, vai gradualmente soando cada vez mais a oco e a repugnante. Pouco a pouco, mas seguramente, no divino cumprimento íntimo de uma evolução cujos fins me são ocultos, tenho vindo erguendo os meus propósitos e as minhas ambições cada vez mais à altura daquelas qualidades que recebi. Ter uma acção sobre a humanidade, contribuir com todo o poder do meu esforço para a civilização vêm-se-me tornando os graves e pesados fins da minha vida. E, assim, fazer arte parece-me cada vez mais importante coisa, mais terrível missão – dever a cumprir arduamente, monasticamente, sem desviar os olhos do fim criador-de-civilização de toda a obra artística. E por isso o meu próprio conceito puramente estético da arte subiu e dificultou-se; exijo agora de mim muita mais perfeição e elaboração cuidada. Fazer arte rapidamente, ainda bem que, parece-me pouco. Devo à missão que me sinto uma perfeição absoluta no realizado, uma seriedade integral no escrito.

(...)

Bem ou mal – mal, por certo – expus-lhe tudo. Sinto-me contente por lhe ter falado assim, e porque sei que o seu espírito acolhe com simpatia e amizade estas minhas tristezas de altura. Tudo isto, escuso lhe dizer, é segredo... De resto, a quem o poderia você contar?...

(...)

Fernando Pessoa

Descrição

O poeta já anuncia ao destinatário que sua carta é de *gênero psicológico*. Relata seu desconforto e sofrimento como uma *crise psíquica* e especifica dizendo

que esta se refere particularmente à incompatibilidade com os outros, especificamente. Há, portanto, uma divergência profunda com as pessoas que o cercam, o que é agravado pela falta de presença da família.

Em consonância a isto, há o relato curioso de seu desejo em ter uma *perfeição absoluta* em seu trabalho, o qual se fundamenta numa *consciência da Vida*, que instala um dever com ele próprio e com a humanidade.

6ª Correspondência (p. 208-210/1905-1922)

A Mário de Sá-Carneiro

Lisboa, 14 de Março de 1916.

Meu querido Sá-Carneiro:

Escrevo-lhe hoje por uma necessidade sentimental – uma ânsia aflita de falar consigo. Como de aqui se depreende, eu nada tenho a dizer-lhe. Só isto – que estou hoje no fundo de uma depressão sem fundo. O absurdo da frase falará por mim.

Estou num daqueles dias em que nunca tive futuro. Há só um presente imóvel com um muro de angústia em torno. A margem de lá do rio nunca, enquanto é a de lá, é a de cá; e é esta a razão íntima de todo o meu sofrimento. Há barcos para muitos portos, mas nenhum para a vida não doer, nem há desembarque onde se esqueça. Tudo isto aconteceu há muito tempo, mas a minha mágoa é mais antiga.

Em dias da alma como hoje eu sinto bem, em toda a consciência do meu corpo, que sou a criança triste em que a vida bateu. Puseram-me a um canto de onde se ouve brincar. Sinto nas mãos o brinquedo partido que me deram por uma ironia de lata. Hoje, dia catorze de Março, às nove horas e dez da noite, a minha vida sabe a valer isto.

No jardim que entrevejo pelas janelas caladas do meu seqüestro, atiraram com todos os balouços para cima dos ramos de onde pendem; estão enrolados muito alto; e assim nem a idéia de mim fugido pode, na minha imaginação, ter balouços para esquecer a hora.

Pouco mais ou menos isto, mas sem estilo, é o meu estado de alma neste momento. Como à veladora do <<Marinheiro>> ardem-me os olhos, de ter pensado em chorar. Dói-me a vida aos poucos, a goles, por interstícios. Tudo isto está impresso em tipo muito pequeno num livro com a brochura a descoser-se.

Se eu não estivesse escrevendo a você, teria que lhe jurar que esta carta é sincera, e que as coisas de nexo histórico que aí vão saíram espontâneas do que sinto. Mas você sentirá bem que esta tragédia irrepresentável é de uma realidade de cabide ou de chávena – cheia de aqui e de agora, e passando-se na minha alma como o verde nas folhas.

Foi por isto que o Príncipe não reinou. Esta frase é inteiramente absurda. Mas

neste momento sinto que as frases absurdas dão uma grande vontade de chorar. Pode ser que se não deitar hoje esta carta no correio amanhã, relendo-a, me demore a copiá-la à máquina, para inserir frases e esgares dela no Livro do Desassossego. Mas isso nada roubará à sinceridade com que a escrevo, nem à dolorosa inevitabilidade com que a sinto.

As últimas notícias são estas. Há também o estado de guerra com a Alemanha, mas já antes disso a dor fazia sofrer. Do outro lado da Vida, isto deve ser a legenda duma caricatura casual.

Isto não é bem a loucura, mas a loucura deve dar um abandono ao com que se sofre, um gozo astucioso dos solavancos da alma, não muito diferentes destes.

De que cor será sentir?

Milhares de abraços do seu, sempre muito seu

Fernando Pessoa

Descrição

O poeta relata a aflição de seu estado de angústia e da necessidade que tem de contar de que está *no fundo de uma depressão*. Diz da sensação de não ter futuro, de estar encerrado no presente, onde não há mudança alguma. Segundo ele, sua tristeza e dor pode ser análoga à loucura.

Escritos Autobiográficos e de Reflexão Pessoal

1. (p. 71/73)

Não tenho ninguém em quem confiar. A minha família não entende nada. Aos meus amigos não posso incomodar com estas coisas. Não tenho amigos verdadeiramente íntimos, e mesmo que houvesse um amigo íntimo, como o mundo entende, ainda assim não seria íntimo no sentido em que eu entendo a intimidade. Sou tímido e não gosto de dar a conhecer as minhas angústias. Um amigo íntimo é um dos meus ideais, um dos meus sonhos, mas um amigo íntimo é algo que nunca terei. Nenhum temperamento se adapta ao meu; não há um caráter neste mundo que dê o mais leve indício de se aproximar do que eu sonho num amigo íntimo. Basta, não falemos mais nisto.

Amante ou namorada não tenho; é outro dos meus ideais e um ideal pleno, até à sua alma, de uma total não-existência. Não pode ser como eu o sonho. Ai de mim! Pobre Alastor! Shelley, como eu te compreendo! Poderei confiar na Mãe? Quiseraa tê-la comigo. Também não posso confiar a ela, mas a sua presença mitigaria grande parte da minha dor. Sinto-me tão sozinho como um navio naufragado no mar. E sou, na verdade, um naufrago. Então confio em mim mesmo. Em mim mesmo? Que confiança existe nestas linhas? Nenhuma. Quando volto a lê-las, dói-me o espírito ao perceber quão pretensiosas, quão próprias de um diário

literário elas são! Em algumas cheguei até a fazer estilo. Porém, nem por isso sofro menos. Um homem tanto pode sofrer vestido de seda como coberto de um saco ou um cobertor roto.

Basta.

Descrição

Neste relato o autor descreve vários aspectos de sua vida que estão particularmente relacionados ao seu estado de abandono como um *navio naufragado no mar*. Elenca diversas queixas como a de não sentir que pode confiar e ser íntimo de alguém, a falta de amigos, de uma amante e de que nenhum temperamento se adapta ao seu. No entanto, destaca o fato de que ele próprio não gosta de se abrir e contar de suas próprias angústias, talvez com isso já anunciando o porquê de todas suas queixas, já que esta “abertura” é uma condição essencial para se criar laços profundos com outras pessoas.

2. (p. 79)

FREI MAURICE

Porque sou tão infeliz? Porque sou o que não devo ser. Porque metade de mim não está irmanada com a outra metade, a conquista de uma é a derrota da outra, e havendo derrota há sofrimento – o meu sofrimento em qualquer dos casos.

Metade de mim é nobre e grandiosa, e metade de mim é pequena e vil. Ambas são eu. Quando parte de mim é grandiosa triunfa, sofro porque a outra metade – que também é verdadeiramente eu próprio, que não consegui alienar de mim – dói por isso. Quando a parte inferior de mim triunfa, a parte nobre sofre e chora.

Lágrimas ignóbeis ou lágrimas nobres – tudo são lágrimas.

Descrição

O poeta tenta descobrir a causa de sua infelicidade. Relata que seu sofrimento advém de uma falta de unidade em seu ser, pois o seu lado grandioso e vil estão separados, ou seja, não estão integrados de tal forma que estas “duas partes” não estejam em competição.

3. (p. 85/87)

Alexander Search

30 de Outubro de 1908

Jamais existiu alma mais repleta de bondade, de compaixão, de tudo o que é ternura e amor. Porém, nenhuma alma é tão solitária como a minha – solitária, note-se, não devido a circunstâncias exteriores, mas sim a circunstâncias interiores. Quero dizer: a par da minha grande ternura e bondade, entra no meu caráter um elemento de natureza inteiramente oposta, um elemento de tristeza, de egocentrismo, de egoísmo, portanto, que tem um duplo efeito: perverter e estorvar o desenvolvimento e a plena acção interna dessas outras qualidades, e impedir, deprimindo a vontade, a sua plena acção externa, a sua manifestação. Um [dia] hei-de analisar isto, um dia hei-de examinar melhor, discriminar, os elementos constituintes do meu caráter, pois a minha curiosidade por todas as coisas, aliada à minha curiosidade por mim próprio e pelo meu caráter, leva a uma tentativa para compreender a minha personalidade.

Descrição

Nota-se que o poeta sublinha que o seu estado solitário é decorrente de *circunstâncias interiores*. Além disso, sua tristeza está relacionada ao egoísmo e ao egocentrismo, pois esta própria tristeza faz com que ele perca a vontade e impede o desenvolvimento de sua “parte boa” (bondade, compaixão, ternura, amor).

A necessidade de analisar e compreender a própria personalidade indica a forma como ele pensa em dar conta do seu próprio mecanismo de se sentir só. O poeta entende que o fato de se sentir sozinho ocorre em decorrência da forma como seu psiquismo é organizado.

4. (p. 142)

Cerca-me um vazio absoluto de fraternidade e de afeição. Mesmo os que me são afeiçoados não me são afeiçoados; estou cercado de amigos que não são meus amigos e de conhecidos que não me conhecem.

Sinto frio na alma; não sei com que me agasalhar. Para o frio da alma não há manta nem capa. Quem o sente não se esquece.

Quer isto dizer que não tenho verdadeiros amigos? Não; eu tenho-os; mas não são meus amigos verdadeiros.

Ai daqueles que foram tocados do transcendental e a quem tudo dói por frio, inexpressivo e distante.

Descrição

Destaca-se aqui a sensação de vazio absoluto decorrente da falta de laços fraternos e de afeição. O poeta descreve este *frio na alma*, que nos remete ao sofrimento e à sensação de abandono que ele próprio não sabe como dar fim. Observa-se que neste relato há implícita a queixa de incompatibilidade com as pessoas, expressa em outros relatos também.

ANÁLISE

Há alguns aspectos importantes encontrados no relato de Fernando Pessoa que nos fazem visualizar melhor a sua vivência da solidão. Esta é expressa de diversas maneiras pelo autor.

O poeta relata em grande parte das correspondências uma queixa pela falta de companhia de outras pessoas e de si mesmo em alguns momentos. Reclama de uma incompatibilidade com as pessoas, a qual agrava a dificuldade que tem para travar relações íntimas. Em alguns momentos retorna esta queixa para si, dizendo que é em razão de seu temperamento que não consegue travar tais relações, uma vez que *nenhum temperamento se adapta* ao dele. Além disso, destaca seu desconforto em contar de suas próprias angústias.

Percebe-se que o estado de *rapidez ideativa* ou *comichão intelectual* que o poeta expressa sentir se alia com a sua vontade em entender mais de sua própria personalidade, além, é claro, de produzir material literário. No entanto, concordamos com a afirmação de Simões, citada no começo, de que a obra de Pessoa não está separada de sua existência. Portanto, ao mesmo tempo em que cria, faz isso com o intuito de se entender e de integrar e elaborar suas idéias, já que em grande parte de seu relato notamos que o poeta descreve estar confuso, incerto e desamparado. Talvez estes estados contribuam para que ele se sinta entediado ou entorpecido, estados esses que também foram citados no decorrer de seu relato.

Esta tentativa de entender a si próprio nos remete a uma necessidade de integração que o próprio autor relata ao sentir que sua “parte boa” (grandiosa) e a sua “parte má” (vil) estão em competição. A partir disto, acrescentamos o destaque que o poeta faz ao seu estado solitário, em que diz que este depende mais de *circunstâncias interiores*. Daí depreendemos a necessidade desta unidade, pois nota-se que o egoísmo e o egocentrismo que foram relacionados pelo autor à sua solidão, também podem advir deste estado de separação entre as partes boas e más, uma vez que o poeta nota um excesso de investimento em si mesmo em detrimento de uma relação íntima com as pessoas.

Um aspecto contraditório encontrado em seu relato é em relação à mudança.

Num primeiro momento o autor reclama de que a mudança invariavelmente causa perdas e pioras na situação. Em outro momento sublinha o fato de *não ter futuro*, de estar encerrado num presente onde não ocorrem mudanças.

Percebemos que para o poeta a solidão não depende de condições externas, mas da organização de um mundo interno que lhe ofereça acolhimento e segurança. Isto quer dizer que o sentimento de solidão diz respeito muito mais ao mundo interno do que ao mundo externo, o que corrobora as hipóteses teóricas.

Assim como dissemos na introdução que Freud atentou para o retorno do recalado na solidão, uma vez que é neste momento que conteúdos inconscientes irrompem na consciência, podemos notar na escrita de Pessoa que em vários momentos ele reclama de algo que o assombra, de um *mistério*, de um desconhecido.

3.2. Amyr Klink

*"Meu coração é um pórtico partido
Dando excessivamente sobre o mar
Vejo em minha alma as velas vão passar
E cada vela passa num sentido*

*Um soslaio de sombras e ruído
Na transparente solidão do ar
Evoca estrelas sobre a noite estar
Em afastados céus o pórtico ido..."⁸*

Fernando Pessoa

Amyr Klink nasceu em 25 de setembro de 1955 e é natural de São Paulo. Começou a frequentar a região de Paraty (RJ) com a família quando tinha apenas dois anos de idade. É nesta região que se encontra Jurumirim, local que será muitas vezes relatado em seus livros.

Realizou diversos projetos, entre eles estão: primeira travessia do Atlântico Sul a remo em solitário, viagem contada no livro "Cem dias entre céu e mar"; projeto de Invernagem Antártica, em solitário, a bordo do veleiro polar "Paratii" - os livros "Paratii - Entre dois pólos" e "As janelas do Paratii" relatam e ilustram este projeto; projeto "Antártica 360°" - a circunavegação em torno do continente gelado. É no livro "Mar sem Fim" que se encontra o relato desta viagem.

O navegador continua a desenvolver projetos especiais e planejamento e pesquisa em diversas áreas. É membro da Royal Geographical Society e Assessor de Expedições da Revista National Geographic Brasil.

Ao ler seu livro fiquei imaginando como um ser humano suporta tanto tempo longe de pessoas que ama e longe de relações que poderia travar com quaisquer outros. Qual é o desprendimento que tem de se ter para bancar a empreitada da solidão? O sentimento de solidão existe quando se está só ou pode não existir? Quando o "estar só" é maléfico e quando é benéfico para o sujeito?

Pode-se pensar que, a situação que abordaremos aqui caminha na contramão tanto de um funcionamento psíquico, quanto da sociedade contemporânea, pois o sujeito em questão, ao realizar a viagem em solitário e por um longo período, renuncia ao contato com as pessoas, bem como demonstra uma capacidade para estar só muito rara em nossos dias atuais. Além disso, expressa

⁸ PESSOA, Fernando. *Antologia Poética de Fernando Pessoa*. Introdução e seleção de Walmir Ayala. 2ª ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2004.

uma certeza, uma escolha com fortes alicerces, o que nos surpreende ao estarmos inseridos em uma sociedade tão desorientada.

Desde que comecei a me perguntar sobre a questão da solidão já tinha em mente Amyr Klink como um sujeito que poderia responder a muitas questões que indagava, como por exemplo, o fato de conseguir ficar isolado sem se sentir só, fato que pode estar relacionado ao conceito de “capacidade para estar só” de Winnicott. Como dissemos acima no capítulo relacionado à teoria, neste conceito o autor aborda a capacidade do sujeito estar só sem se sentir abandonado ou retraído⁹, condições que dependem do desenvolvimento da autonomia que só pode ser encontrada a partir de uma vivência satisfatória com a figura materna na tenra idade. No entanto, investigando a questão da solidão através de seus livros e entrevistas pude perceber que essa questão não estava tão aparente em seu discurso. Na verdade, não foi comum encontrar um relato seu que falasse explicitamente sobre a solidão. E isso pode ser explicado a partir de seu próprio relato:

“Eu não gosto de ficar sozinho, eu detesto a sensação de solidão, mas eu descobri que essa sensação é muito diferente do que a gente imagina. Não é estar num barco no sul do Oceano Índico, nas bordas da Antártida. A solidão é estar abandonado. É um sentimento de falta de apoio e não existe isso para um barco que está em boas condições técnicas. Para um barco afundando à deriva, aí, sim, aí a gente está mortalmente solitário.” (fonte: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/301/entrevistados/amy_r_klink_2000.htm)

Portanto, por esta afirmação já percebemos que a relação de Amyr com a solidão não é a de se sentir abandonado e desamparado, mas sim a sensação de estar apoiado, com “boas condições técnicas” o que podemos supor, de acordo com a teoria psicanalítica, que a sua relação com as figuras parentais foi frutífera, na qual pode se criar um ambiente em *boas condições* a ponto de isso poder ser introjetado pelo navegador e assim poder contar com a presença deste ambiente, mesmo estando ele ausente.

⁹ “A capacidade de estar só não deve ser confundida com o estado de retraimento. O indivíduo que se afasta das relações com os outros, de acordo com a teoria de Winnicott, experimentou inicialmente fortes impactos, necessitando isolar-se, a fim de poder preservar o núcleo do *self* de uma violação (...). Winnicott sustenta que existe um aspecto do retraimento que é saudável. Entretanto, o retraimento também é uma separação que (...) não concorre para o enriquecimento nem para o desenvolvimento do sentimento do *self* (...). Enquanto que o indivíduo que consome parte do seu tempo sozinho pode vir a alcançar a capacidade de estar só, segundo a tese de Winnicott, o estado de retraimento pode, sim, estar demonstrando uma incapacidade de estar só.” (p. 251, Abram, 2000).

Por meio de seus relatos, pode-se supor que a própria atividade de viajar já o auxilia a elaborar a solidão, que é inerente à condição humana. Sendo assim, podemos pensar que ele construiu, na sua rede psíquica, meios muito eficazes para lidar com a sensação de abandono e solidão. Esses meios serão apontados no decorrer da leitura dos trechos selecionados e se relacionam basicamente com a relação que estabelece com o seu barco e o mar. Estes dois *ambientes* abarcam uma série de representações que aludem ao objeto bom introjetado e que se presentifica a partir deles.

Em um de seus relatos, Amyr de certa forma justifica a sua escolha de estar só:

*Não poder dividir momentos especiais poderia ser um problema, mas **há situações que se passam no mar que são para não serem divididas. Algumas tão belas e únicas que devem continuar inteiras dentro de quem as vê e só assim se transmitem: inteiras.** Outras difíceis, como medo e pânico, onde a soma entre pessoas pode não ajudar. Sozinho, por instantes apenas, vi coisas e vivi situações cuja beleza indivisível, única, guardarei para sempre. Passei por encrencas que não desejo para amigo nenhum. E foi, só – por esses breves instantes que dura um inverno -, que descobri como fazer o tempo correr para tornar próximos todos os lugares, e certas pessoas, por quem se morre de saudades (p. 123, grifo meu).*

Pode-se pensar que Amyr, ao viajar e tomar os momentos em sua inteireza, já que escolheu para isso não compartilhar, não dividir com alguém, não está só, no sentido de estar abandonado ou sem afeto, mas sim está lapidando o seu modo de estar no mundo com os outros; ou seja, o relato do navegador não nos diz sobre a solidão que angustia e que faz nos sentirmos abandonados, mas sim aquela que exalta a consciência de nossa própria identidade. Podemos relacionar isto com a afirmação de Cintra de que a capacidade para estar só seria uma “(...) intimidade prazerosa, uma capacidade de ocupar-se com suas próprias coisas, com seu mundo de objetos internos, com aquilo que pode absorvê-lo e apaixoná-lo mais profundamente” (p. 01, 2007). Seria isso a capacidade do navegador de elaborar as angústias de separação e de perda do objeto o suficiente para que a separação física das pessoas não o faça se sentir abandonado? Vejamos isso por meio de seu relato:

Hoje entendo bem meu pai. Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livro ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar do calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto (Klink, 2000, p. 76).

E não podemos dizer que é igualmente este caminho que se faz num processo analítico? Na introdução deste trabalho, discutimos o quanto que atualmente há uma massificação, um anulamento do sujeito em detrimento de expressões que singularizem a existência das pessoas. Podemos entender este trecho por uma afirmação do papel do sujeito por meio do atravessamento (viagem) de sua própria fantasia; ou seja, singularizando, particularizando o seu viver, sem ter de lançar mão a outros meios que não essa existência puramente singular.

No começo de seu relato sobre a invernagem antártica, o navegador já expõe que o seu desejo de viajar sobrepõe a existência solitária que encontrará no tempo em que estará separado de seus entes queridos:

Eu sonhava com lugares menos freqüentados – as regiões polares – e, mais do que percorrer caminhos no mar, em atravessar as quatro estações do ano. Viajar no tempo talvez. Conhecer o inverno antártico de verão a verão. Assim ficou escrito no meu plano (p. 21).

Já neste trecho notamos o anseio do sujeito em estar isolado, sem a presença de quaisquer outras pessoas. Seu objetivo, “viajar no tempo talvez”, nos traz a idéia de um desejo por ultrapassar a transposição do tempo entre passado, presente e futuro. Ao mesmo tempo, “atravessar as quatro estações” nos indica um sentimento até onipotente de subverter o assujeitamento efetuado tanto pelo tempo como pela natureza, uma vez que, incontrolavelmente, não atravessamos, mas somos atravessados por essas dimensões. Se pensarmos mais especificamente sobre a questão da solidão, veremos que este relato deixa implícita a tentativa do sujeito manter no presente as lembranças do passado e, ao mesmo tempo, seu projeto futuro. Com esta equação simbólica o sujeito se mantém apaziguado da necessidade de estar fisicamente próximo aos objetos pulsionais.

Klink deixa claro que a sua intenção é viajar só e, para isso, planeja minuciosamente sua viagem, com um objetivo bem claro e um rumo de ida e de volta. Também notamos uma preocupação do sujeito em construir seu objetivo de modo que garanta a sua reaproximação dos objetos. *“Não tinha a menor intenção de partir para uma aventura, uma talvez viagem, de não ter certeza de alcançar os lugares que quisesse, de não saber se, ou quando voltaria”*. (p. 33)

Mesmo tendo um intenso desejo por partir, Klink não deixa de manifestar seu carinho por Jurumirim, local de partida e também de onde surgiu seu interesse em viajar e conhecer outros lugares. *“Gosto desse lugar, profundamente, mas pela primeira vez não queria estar ali. É difícil deixar um lugar que **mora no coração**, por tanto tempo”* (p. 38, grifo meu)

Apesar do sofrimento do sujeito em deixar o local de partida, percebe-se que este lugar, o qual sem dúvida abarca uma série de representações para o sujeito, já se tornou traço, uma imago que dará sustentação ao percurso em solitário que realizará.

É interessante notar, no trecho seguinte, a forma como Amyr expõe o seu desejo, em que utiliza a palavra “ligar” para designar a proximidade entre o lugar de partida e o lugar de sua estada, ambos objetos pulsionais. Pode-se depreender daí que o navegador expressa que o seu distanciamento não significa a separação destes lugares tão investidos afetivamente, e com isso elabora uma nova forma de lidar com o “distanciamento físico”, o que se diferencia de um “distanciamento interno”, que não se nota neste trecho, ou seja, podemos dizer que Jurumirim e tudo o que este lugar representa, está virtualmente presente. O que nos remete ao paradoxo de ausência e presença que encontramos em Winnicott.

*Mas é gozado. Não era a distância no tempo que me fazia nervoso. Eu demoraria quinze meses para avistar uma árvore se tudo corresse bem, se não cometesse erros, se nada quebrasse a bordo. E isso é tudo o que desejava naquele instante. Porque barcos são seres imprevisíveis que às vezes gostam de inventar problemas ou mudar de rumo sem muitas explicações. Por uma única vez na vida desejei não ver árvore nenhuma, pelo menos antes do previsto. **Ligar** os coqueiros de Jurumirim às geleiras antárticas que me fariam companhia – sem escalas – até o próximo verão. Foi para isso que me preparara durante esses anos e que construía com tanto cuidado o Paratii.* (p. 40, grifo meu)

Pode-se pensar que esta forma de Amyr relatar a relação entre Jurumirim e a Antártica é análogo ao jogo do *fort-da*; este foi relatado por Freud em *Além do Princípio do Prazer* (1976) em que o expõe como o jogo da presença-ausência, no qual uma criança constrói as primeiras simbolizações e “onde se articula o brincar e a palavra, num jogo opositivo dos fonemas Fort e Da” (Vidal, p. 46). Nesta brincadeira do carretel que ora se aproxima, ora se distancia da criança, é possível simbolizar a ausência e a presença da mãe. Além disso, pode-se brincar com a ilusão da ausência e se descobre uma referência temporal e espacial de dentro e fora de si mesmo. Segundo Vidal, “quando o neto de Freud brinca de estender o carretel com sua recuperação ulterior, algo operou-se nele, para passar de sua posição de objeto dependente e se aventurar no domínio da perda do objeto, imaginá-lo como faltante” (p. 47). Assim como esse jogo, Amyr continua elaborando a ausência física das pessoas, já que ele e seu barco se transformam num elo entre o conhecido (Jurumirim) e o desconhecido (Antártica).

No entanto, Amyr não deixa de relatar a angústia sobre a vivência de separação, o que corrobora o que tínhamos afirmado anteriormente, de que a solidão é inerente à condição humana, uma vez que já no nascimento temos a situação traumática que Freud indica como o primeiro trauma que irá ser a situação que reaparecerá a cada vivência de separação, solidão, e o que muda é a forma que como nos colocamos frente a este conflito de estarmos separados e ao mesmo tempo querermos estar unidos ao objeto pulsional: “*Gozado, estava a menos de um dia de distância do meu objetivo e a mais de um ano e meio da viagem dele. Que brutal saudade!*” (p. 42, grifo meu)

Podemos pensar que, um sujeito em situação de solidão poderia fazer uso de uma *satisfação alucinatória*. Entretanto, notamos que isso não ocorre com o nosso sujeito, uma vez que consegue manter um mundo interno organizado a ponto de poder efetuar as tarefas para manter o barco sob controle. O fato de Klink poder cuidar, poder prestar atenção em algo que lhe dá prazer e trabalho – velejar – indica uma capacidade para se esquecer de si mesmo e estar num espaço potencial, em que seu mundo interno (Jurumirim) e a realidade objetiva (Antártica) estão em

contato. O seu bom humor é expressão deste mundo interno povoado por objetos bons. Podemos dizer que, realmente, há uma satisfação do desejo neste momento, uma vez que o sujeito não precisa lançar mão de subterfúgios para dar conta da falta do objeto.

*Cantarolando uma daquelas musiquinhas horrendas que grudam na cabeça, pulei da cama para providenciar o café da manhã. Não havia resoluções de ano-novo, projetos importantes, planos para o futuro. Nada disso. Apenas estava contente. Não houve nem mesmo comemorações. Durante o réveillon, o único acontecimento notável, um navio em rota perigosa, que surgiu quando faltavam três minutos pra a meia-noite. Livrei-me dele sem problemas, devolvi o comando do barco ao “piloto pardo” e **mergulhei em mais quarenta e cinco minutos de sonhos e pensamentos distantes** dos quais não me lembraria logo a seguir (p. 46, grifo meu).*

Ressaltamos que, as condições em que o navegador se encontrava demandavam extrema atenção e controle pela própria questão da sobrevivência em locais tão inóspitos. Por isso, talvez a atividade de fantasiar durante a sua viagem não fosse muito presente no seu modo de funcionamento psíquico. No entanto, se Amyr “mergulha em sonhos e pensamentos”, mergulha com uma qualidade outra que não a de satisfazer-se alucinatoriamente, tal como nos *sonhos diurnos*¹⁰ de Freud, mas faz isso da mesma forma se não tivesse partido de Jurumirim.

No decorrer do relato de suas experiências tem-se a impressão de que Amyr não está sozinho. No trecho seguinte destaco o verbo “encontrar” em função da flexão que Amyr escolhe fazer no momento em que escreve. “*Resolvi festejar o bom rendimento, que não seria eterno porque certamente **encontraríamos** vento no nariz – com um almoço caprichado. Mas a festa quase terminou em catástrofe*” (p. 47, grifo meu)

Pode-se supor que o navegador sente-se tão bem a bordo, que realmente não se sente só, no sentido de estar abandonado. Parte-se da idéia discutida na conceituação teórica, de que o sentimento de solidão depende do funcionamento psíquico interno do sujeito e não de condições externas. Segundo M. Klein, a construção do mundo interno é fundamental para que o sujeito consiga lidar com a

¹⁰ “SONHO DIURNO (DEVANEIO): Freud dá este nome a um enredo imaginado no estado de vigília, sublinhando assim a analogia desse devaneio com o sonho. Os sonhos diurnos constituem, como o sonho noturno, realizações de desejo; os seus mecanismos de formação são idênticos, com predomínio da elaboração secundária.” (Pontalis, p. 492, 2001)

solidão, de modo que os objetos externos são parte, mas não a razão para a diminuição da solidão. Uma relação satisfatória com os genitores é fundamental para que a criança consiga suportar a perda da idealização e a diminuição da onipotência. Se os pais conseguem suprir a ansiedade da criança, encarando seus impulsos agressivos de modo a se proteger desses impulsos sem cessar a capacidade criativa da criança, essa passa a perceber que não é tão destruidora e se sente menos vulnerável ao mundo externo. Pode-se depreender então que a viagem realizada por Klink é possível de ser realizada sem que exista um sentimento de solidão.

É importante destacarmos o explícito apoio que Amyr recebeu por parte de seus familiares e amigos. Temos como hipótese que, o fato de o sujeito não se sentir abandonado, durante a viagem, diz respeito a determinados aspectos: supomos que a organização psíquica do sujeito permite esse desligamento físico dos objetos, além de manter internamente um estreito contato com estes, o qual garante a segurança e a autonomia; é claro no relato do navegador que este apresenta uma rica rede de pessoas que são afetivamente importantes e que, de certa forma, dão suporte para seu projeto; e sua história, a qual foi sempre marcada por vivências relacionadas a viagens e a aventuras, o que de certa forma trouxe ainda mais elementos para que o sujeito pudesse suportar a ausência de pessoas afetivamente importantes bem como pudesse subjetivar essa ausência. Pode-se visualizar isto pelo trecho abaixo:

O primeiro radiocontato com o Brasil – após a chegada – foi uma festa. O Álvaro, inquieto com o silêncio de uma semana, e o Hermann, eufórico com o bom comportamento do Paratii em sua viagem inaugural. A querida Cabeluda me autorizou, enfim, a abrir uma caixa com presentes de Natal que ela e a turma da “base” em São Paulo tinham cuidadosamente preparado e alojado a bordo para só serem abertos aqui (p. 69).

Depreende-se do trecho a seguir, em que Amyr expõe mais claramente seus sentimentos, que, sentir-se sozinho, abandonado, para o navegador, é estar “sem rumo”. De certa maneira, pode-se pensar que o fato de não poder seguir seu desejo de viajar e efetuar certo objetivo o faz se sentir solitário. É interessante notar que, o

que faz Amyr sentir-se só não é o fato de estar separado das pessoas queridas, mas sim o fato de se sentir impedido de realizar seu desejo.

A partir disto supomos que, uma das razões possíveis de estar impedido a realizar esta viagem poderia ser o fato de se sentir dependente das pessoas, e, desta forma, não poder se separar delas. No entanto, Amyr demonstra claramente certa autonomia, na medida em que consegue superar a distância física das pessoas e lida com os objetos internalizados, que a todo o momento são presentificados pelos próprios objetos externos presentes no barco e tão caros a Amyr, tais como os *detalhes de madeira de Arnaldo, as pecinhas de Celsão, o livro raro da Cris*, etc. Assim, a solidão para nosso sujeito adquire o sentido inverso do que é estar separado, pois significa a angústia de não poder se separar.

*Havia privações, é claro. **Morria de saudades** da bagunça de casa, dos amigos malucos, das árvores que plantei nos lugares mais mirabolantes, das viagens que sempre fazia – **mas não estava, de modo algum, sofrendo**. De malucos menos amigos estava a uma prudente distância, viagens não faltariam até chegar em casa, e árvores, bom, era uma questão de latitude e paciência apenas.(...)*

*Não parei no tempo como pensei que faria quando o Paratii ficou imobilizado no gelo. Não me tornei escravo, nem senhor, do tempo (...) Mas **descobri que podia conduzir o meu tempo**, somar todos os instantes numa única direção. Transformar os meses e os segundos que faltavam em distância, em **um lugar para se chegar**. Os poucos dias em que deixei à deriva o tempo, quando não sabia com certeza o que faria além de partir, foram dias lentos de calma, de clima terrível, de péssimo humor. Não e não. Mil vezes a perspectiva de enfrentar a pior tempestade do que as mornas calmarias **sem rumo, sem ir a lugar nenhum**.*

Foram esses, é gozado, os únicos dias em que me senti só. Quando deixei os planos à deriva e permiti que as coisas acontecessem sem saber delas, onde iriam parar.

Agora é muito diferente. Mesmo que fosse num cemitério, eu sabia onde as coisas iriam parar se me distraísse, cometesse erros ou deixasse o barco à deriva. Sabia que o sol retornaria, que um dia o gelo se partiria em pedaços e eu poderia então seguir.

*O inverno, a vida isolada pelo gelo não eram permanentes. **Eu não havia sido abandonado na baía Dorian**. Não estava fugindo de nada, nem tentando provar meus conhecimentos ou capacidade, ou negando a sociedade de consumo. Não estava tentando me conhecer ou superar os limites do homem, nada dessas bobagens. **Apenas era o que mais desejava no mundo. Uma única vez, por um ano inteiro. Sozinho**. Por que? Não tenho a mais vaga idéia. Só sei que, **embora ilhado, solidão não passei. Trazia próximos, como nunca, pessoas queridas e amigos, e a provisória distância que nos separava era apenas física. Uma distância real e emocionante que sabia muito bem como percorrer. Uma***

distância fácil de resolver. A verdadeira solidão, a distância interior, entre pessoas às vezes próximas, o abandono, a falta de um objetivo, de vontade, ou de apoio, depois de partir, nada disso conheci. Estava seguro que até mesmo credores, contadores e inimigos vingativos, se é que existiam, torciam pelo mais breve retorno do Paratii. Cada peça, parafuso ou detalhe do mundo onde vivia lembravam o cuidado, a preocupação de alguém. Os detalhes de madeira que o Arnaldo fez, em silêncio, com faraônica paciência, as milhares de pecinhas em inox inventadas e fabricadas por Celsão, o livro raro da Cris, os amuletos japoneses do Issao Kohara, a odisséia da turma da Perkins para fazer uma perfeita instalação do motor – centenas e centenas de histórias, casos, acidentes engraçados, carinho, que demonstravam que nenhum barco se faz sozinho, ou que uma tripulação de um só não é solitária (p. 123, grifo meu).

Podemos dizer que Amyr Klink pode usufruir da maior parte do período em que esteve só. Notamos em alguns poucos momentos alguma queixa por estar sozinho, no entanto, esta se configura muito mais como uma saudade do que uma sensação de perda ou separação. Isso constituiu a base para que ele pudesse estar só sem se sentir abandonado, bem como com a presença interna e viva de alguém.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Minha mulher, a solidão,
Consegue que eu não seja triste.
Ah, que bom é o coração
Ter este bem que não existe!”¹¹*

Fernando Pessoa

Primeiramente, a análise dos escritos autobiográficos de Amyr Klink e Fernando Pessoa mostra-nos que os dois puderam, através da escrita, criar um espaço onde foram explorados os conflitos, as lembranças, as saudades relacionadas ao sentimento de solidão. Ao mesmo tempo, puderam *compartilhar* o modo como eles próprios lidavam com este fenômeno.

Indubitavelmente, a atividade da escrita para estes sujeitos possibilitou a experimentação de novas significações e a elaboração de conteúdos psíquicos antes não elaborados.

Levando-se em consideração as especificidades da história de vida, da constituição enquanto sujeitos, do momento histórico, pudemos, por meio destas análises, compreender um pouco mais de perto a vivência da solidão. Ao analisarmos a escrita de F. Pessoa, notamos em muitas passagens a presença do sentimento de solidão e isto é relatado por ele próprio tanto em relação à descrição deste estado, como tristeza, tédio, torpor, etc., quanto em relação às formas como ele próprio tenta dar conta deste sentimento, a qual, muitas vezes, se dá na maneira como o poeta analisa a sua própria personalidade. O próprio autor chega a conclusões sobre o seu estado depressivo, como a incompatibilidade que sente entre seu temperamento e das outras pessoas; a necessidade de integração de aspectos próprios seus que sente estarem em competição; o investimento excessivo em si próprio que gera egoísmo, etc.

Já o navegador Amyr Klink demonstra ser capaz de estar só e no seu relato podemos notar meios eficazes para lidar com a solidão, os quais estão relacionados especialmente à representação que o navegador confere aos *objetos* que o

¹¹ Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000002.pdf>

acompanham, tal como o seu barco e o mar que denotam, talvez, um ambiente acolhedor e seguro.

Sua viagem exalta o que há de mais singular, pois está realizando seu desejo mais genuíno. Isto confere uma autonomia e uma satisfação a Klink, a qual suplanta a necessidade em estar fisicamente em contato com as pessoas. As pessoas queridas parecem estar virtualmente presentes, por meio de objetos deixados no barco, ou mesmo lembranças do próprio navegador. Temos como hipótese de que A. Klink constituiu uma introjeção do objeto bom suficiente, bem como elaborou as ansiedades paranóides e depressivas decorrentes deste processo. Longe de afirmarmos que não há angústia nesta empreitada do navegador, mas percebemos com clareza que ele foi “capaz de estar só” sem se sentir solitário, abandonado, por muitos momentos. A saudade e vontade de contatar pessoas marcantes em sua vida revelam, não fragilidade, mas a humanidade presente em sua escrita.

Apesar do individualismo reinante nas relações subjetivas da sociedade atual, deparamo-nos com uma ânsia por “relacionar-se”, tal como Bauman explicita em *Amor Líquido*. E este “relacionar-se” é um ato tão repleto de angústia e temor tal como o estar só. A viagem de Klink foge a essas definições e nos lança um aprendizado sobre o estar no mundo, aprendizado este muito raro de se encontrar na subjetividade contemporânea. Klink não se encontra no campo das defesas para se mitigar a solidão, como as tentativas de dependência ou independência totais, mas caminha no intercâmbio entre esses dois mecanismos.

Há uma dimensão irreduzível que é a que estaremos sempre separados dos outros e, portanto, a solidão sempre vai ser um sentimento presente, variando-se a intensidade tanto de sujeito para sujeito, como no momento de vida de cada um. Sendo assim, os laços criados são uma forma de aliviar a angústia de estar só, separados e, por vezes, abandonados. Há, portanto, inerentemente ao sujeito, uma necessidade fundamental de relação afetiva, pois ninguém se constitui sozinho.

Sendo assim, defendo, a partir de todas estas considerações, que a relação do sujeito com o sentimento de solidão não é determinista; ou seja, pode haver uma mudança deste sentimento no sentido de um apaziguamento, dependendo da posição do sujeito em relação aos conflitos. Para isso, há de haver uma implicação

do sujeito, uma retificação de sua posição subjetiva, afinal, a condição de desamparados, bem como da falta do objeto primordial de satisfação plena ocorreu, sem dúvida, tanto para o poeta quanto para o navegador. É preciso, portanto, que a ênfase na demanda de ser amado se desloque para a celebração da atividade de amar. (Mello, 1992, p. 56)

Penso que o estudo sobre o sentimento de solidão é algo muito fecundo tanto para desvendarmos como os sujeitos lidam com esse sentimento em sua singularidade, como para contribuir no campo social, visto que é patente que a sociedade atual padece do sentimento advindo da agudização deste fenômeno.

Acredito que o que foi importante neste trabalho foi explorar a forma como esses dois sujeitos lidam com este fenômeno. Percebe-se que em Fernando Pessoa, além da escrita e do fato de se corresponder com outras pessoas, o poeta lida com a solidão tentando construir uma análise sobre sua própria personalidade, como dizendo que a sua tristeza se deve ao seu egocentrismo, ou que tem incompatibilidade com as pessoas devido ao seu temperamento, etc.

Já em Amyr Klink há um modo de lidar implícito, pois percebemos que o navegador, por meio de sua viagem, cria um elo entre o seu desejo, ir para a Antártica, e seu ambiente primordial em que se encontram as pessoas mais íntimas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAM, Jan. *A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BIRMAN, Joel. Insuficientes, um esforço a mais para sermos irmãos! In: KEHL, Maria Rita. (org.) *Função Fraternal*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2000, p.

CINTRA, Elisa Maria de Ulhoa; FIGUEIREDO, Luiz Cláudio. *Melaine Klein: estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta, 2004.

DUARTE, José Afrânio Moreira. *Fernando Pessoa e os caminhos da solidão*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968.

KLEIN, Melaine. *O Sentimento de Solidão: Nosso Mundo Adulto e Outros Ensaios*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

KLINK, Amyr. *Paratii: Entre dois Pólos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

-----, Mar sem fim: *360° ao redor da Antártica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

-----, Memória Roda Viva. Disponível em:

http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/301/entrevistados/amyr_klink_2000.htm

Acesso em: 23 jul. 2009.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J. B.. *Vocabulário da Psicanálise*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

MELLO, Denise Maurano. *Para que serve a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PESSOA, Fernando. *Correspondência: 1905-1922*. ed. Manuela Pereira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

----- . *Correspondência: 1923-1935*. ed. Manuela Pereira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

----- . *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*. Ed. Richard Zenith. Lisboa: Assírio Alvim, 2003.

QUINODOZ, Jean-Michel. *A Solidão Domesticada: A Angústia de Separação em Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

RAMONET, Ignácio. *Geopolítica do Caos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

RUGGIERO, Tânia Guidão Cruz. *Literatura de auto-ajuda: uma resposta ao desamparo do homem contemporâneo*. São Paulo, 1999. 80 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SIMÕES, João Gaspar. *Vida e Obra de Fernando Pessoa: história duma geração*. Amadora: Livraria Bertrand, 1981.

TANIS, Bernardo. *Circuitos da Solidão: entre a clínica e a cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2003.

VIDAL, Maria Cristina Vecino. Questões sobre o brincar. *Letra Freudiana*, Direção da Cura. Rio de Janeiro, nº9, mês, p. 43-49, ano.

WINNICOTT, Donald. *O ambiente e os processos de maturação*: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.